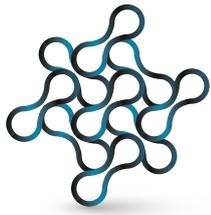
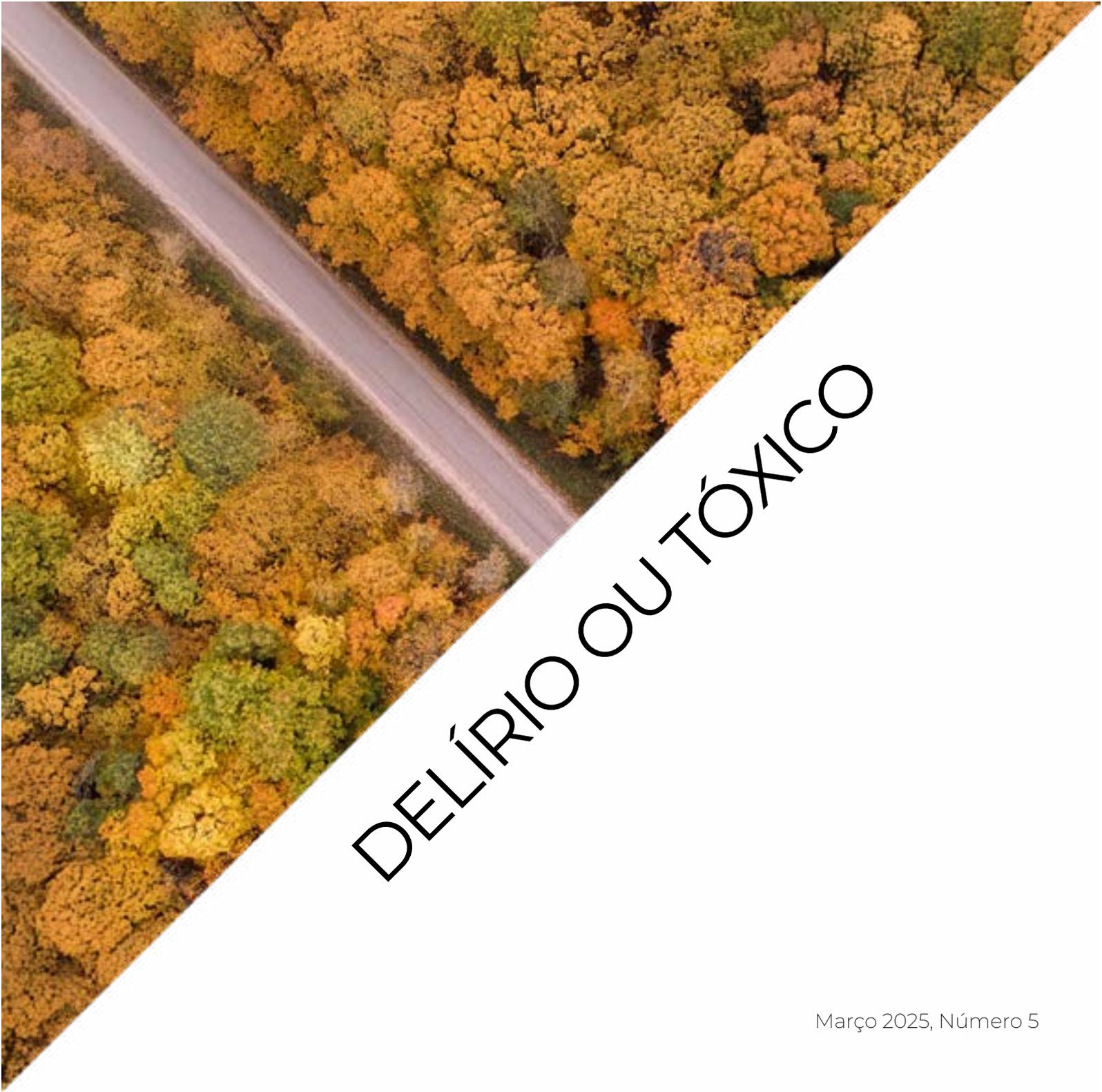


Rede TyA (Toxicomania e Alcoolismo) do Campo freudiano
Red TyA (Toxicomanía y Alcoholismo) del Campo freudiano
Réseau TyA (Toxicomanie et Alcoolisme) du Champ freudien



PHARMAKON Digital



DELÍRIO OU TÓXICO

SUMÁRIO

4 EDITORIAL

Marie-Françoise de Munck e Éric Taillandier, com Gloria Aksman, Nelson Feldman, Ève Miller-Rose, Fabián Naparstek, Nadine Page, Giovanna Quaglia e Pierre Sidon

7 DELÍRIO OU TÓXICO

8 Conversação sobre a droga da *apalavra*

Marco Androsigli, Éric Colas, Frédérique Musset-Bilal, Mathilde Braun, Cristóbal Farriol, Coralie Haslé, Pierre Sidon e Tomás Verger. E a participação de Olivier Talayrach (TyA-Paris)

12 Tóxico ♦ Delírio

Nicolás Bousoño, Gustavo Mastroiacovo, Christian Ríos (Argentina)

15 Tóxico ...ou pior

Julien Berthomier e Cécile Peoc'h (Rennes)

18 O corpo do delírio

José Manuel Álvarez (Barcelona)

21 *Overdose* ou delírio ordinário?

Vic Everaert (Bruxelas)

24 Delírio & tóxico: amputar a voz do Salvador ou servir-se dela?

Pablo Sauce (Salvador)

27 Abstinências e delírios

Benjamín Silva, Sabina Serniotti, Matías Meichtri Quintans (Argentina)

30 Do beber ao bebê

Cristina Nogueira (Belo Horizonte)

32 Perspectivas de uma elaboração coletiva na clínica com toxicomanias

Fabián Naparstek (Buenos Aires)

35 TEXTO DE ORIENTAÇÃO

36 A droga da palavra

Jacques-Alain Miller

41 ESTÉTICA DO CONSUMO

42 Um delírio de dedução

Aurélia Verbecq (TyA-Suíça)

45 EM DIREÇÃO AO CONGRESSO DA AMP 2026 – A RUPTURA COM O FALO



EQUIPE EDITORIAL

PHARMAKON DIGITAL é uma publicação da Rede de Toxicomania e Alcoolismo (TyA) do Campo freudiano, em três línguas: português, espanhol e francês.

www.pharmakondigital.com

Equipe editorial

Elisa Alvarenga (diretora)
Nadine Page
Nelson Feldman
Gloria Aksman
Giovanna Quaglia
Éric Taillandier
Marie-Françoise de Munck
Alejandro Góngora
Fernanda Turbat

Equipe de tradução

Tomás Verger (coordenador),
Carina Arantes Faria, Cecilia Scovenna, Cláudia Reis, Fernanda Turbat, Jorge Castillo, Luis Fernando Duarte Couto, Maria Wilma Faria, Mauricio Diament, Pablo Sauce, Tomás Piotto, Violaine Clément, Wendy Vives Leiva

Equipe de recenseamento bibliográfico

Tomás Verger (coordenador), Aléssia Fontenelle, Analía La Rosa, Benjamín Silva, Camilo Cazalla, Carina Arantes Faria, Cassandra Dias, Cecilia Scovenna, Christian Ríos, Cláudia Generoso, Cláudia Reis, Daiana Ballesteros, Daniel Senderey, Daniela Dinardi, Daniéle Olive, David Briard, Epaminondas Theodoridis, Éric Taillandier, Federico Giachetti, Fernanda Turbat, France Guillou, Géraldine Somaggio, Gloria Casado, Hélène Coppens, Irene Domínguez, Isabella Prévot, James Fischer, Jean-Marc Jossou, Jorge Castillo, José María Álvarez, Luis Fernando Duarte Couto, Marcela Errecondo, Maria Célia Reinaldo Kato, Maria Wilma Faria, Marie-Françoise de Munck, Matías Mietrich Quintans, Mauricio Diament, Miguel Antunes, Nadine Page, Nelson Feldman, Nicanor Mestres, Pablo Sauce, Pía Marchese, Sébastien Georges, Tomás Piotto, Valeria Vinocur, Violaine Clément, Wendy Vives Leiva, Yvonne Stuer

Consultores

Ève Miller-Rose (Fundação do Campo freudiano)
Anne Ganivet-Poumellec (Tesoureira)
Fabián Naparstek (Coordenador da rede TyA internacional)

Criação, desenvolvimento e editoração

Bruno Senna

Capa e Imagens

Alejandro Góngora

Produção e difusão

Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais
Avenida Afonso Pena, 2770, salas 201/207, Savassi.
Belo Horizonte, MG - CEP 30130-007

© **Fundação do Campo freudiano**

EDITORIAL

EDITORIAL

Marie-Françoise de Munck e Éric Taillandier, com Gloria Aksman, Nelson Feldman, Ève Miller-Rose, Fabián Naparstek, Nadine Page, Giovanna Quaglia e Pierre Sidon

O aforismo de Lacan *Todo mundo é louco, quer dizer, delirante*¹, adotado como tema do XIV Congresso da Associação Mundial de Psicanálise, nos tornou sensíveis ao que quer dizer *delirar* de acordo com a orientação lacaniana. Mais além de qualquer consideração sobre o que é normal ou patológico, *delirar* é próprio ao ser falante, ao *parlêtre*. A cada um sua janela para o real, sua ficção, sobre um fundo de impossível de se servir inteiramente do que pulsa em si e transborda numa relação ao parceiro. Essa desarmonia implica um resto fora de sentido com o qual temos que compor. Frente à angústia suscitada pelo excesso de gozo no corpo e o enigma do desejo do Outro, alguns constroem um delírio em sintonia com os discursos herdados ou em voga, ou sonham sua vida em nome de um ideal. Quando não há recurso a nenhum discurso que faça conexão, outros se confrontam com um real invasivo, com o risco de romper com qualquer tentativa de sutura significativa.

Os participantes da rede TyA, tanto em instituições quanto em consultórios, prestam atendimento a sujeitos que adotam essa posição mais ou menos radical de ruptura. A experiência toximãna « não é [...] uma experiência de linguagem, mas ao contrário o que permite um curto-circuito sem mediação »², nos indica Jacques-Alain Miller. « A droga aparece como um objeto que concerne menos ao sujeito da palavra que ao sujeito do gozo, na medida em que ela permite obter um gozo sem passar pelo Outro »³, ele continua.

A prática contemporânea do *chemsex* ressoa particularmente com esse enunciado que funciona como bússola. Tentar localizar o gozo no produto permite desubjetivar a relação sexual, mesmo fazendo uso do órgão. Mais ordinariamente, sabe-se que o consumo de tóxicos é banalizado quando se trata de festejar, com fins de desinibição subjetiva, favorecendo ocasionalmente o encontro dos corpos. O recurso ao tóxico seria então uma tentativa de sair dos impasses da fala, escapando assim da angústia de castração, do enigma do desejo do Outro, em benefício de um outro tipo de gozo? Se o delírio é universal pelo fato de que falamos, então: *delirar ou intoxicar-se?*

A diversidade dos usos de drogas, sejam eles regulados ou desenfreados, nos ensina sobre as diferentes maneiras de não consentir com a fala, e portanto com o delírio.

1 Lacan, J., Transferência para Saint Denis. Lacan a favor de Vincennes (1978), *Correio da Escola Brasileira de Psicanálise* n. 65. Rio de Janeiro, 2010, p. 31. Reeditado no *Scilicet Todo mundo é louco*. São Paulo, EBP, 2024, p. 29-30.

2 Miller J.-A. « A droga da palavra ». Publicado neste número 5 de *Pharmakon Digital*.

3 Idem.

Trata-se de favorecer um gozo louco, ilimitado, deixando o corpo à deriva, desencaixado do Outro? Ou de localizar um gozo de acordo com amarrações específicas, permitindo restaurar certos apoios do sujeito para manter-se no laço social? Nessa perspectiva, o consumo de drogas está inserido em uma trama significativa, como um esforço de nomeação ou de construção simbólica? Ele recobre um fenômeno alucinatório, para limitar seu efeito devastador? Ele dá consistência a uma identificação mais aceitável no plano imaginário? Em que ele responde ao sentimento de vazio interior, ou mesmo ao real traumático?

Se a aposta na transferência do toxicômano à psicanálise consiste em trocar, minimamente, o uso de drogas pela fala, trata-se então de engajar o sujeito toxicômano a se sustentar em uma forma de delírio que reate com um laço social mais compatível com a vida?

Pharmakon Digital publica os textos das intervenções do Colóquio internacional de TyA sobre “Delírio ou tóxico”, às vezes afinadas no *après-coup* das discussões que aí aconteceram. Frutos de um trabalho no interior de diferentes grupos da rede TyA, eles contribuem para esclarecer nossa prática com os “fissurados desconectados”, a posta em questão da vontade das políticas de saúde pública de “ablação do delírio e do tóxico” e uma abordagem que poderia ser, mais modestamente, de “sustentar um delírio e subtrair tóxico”. Estes textos, precedidos de uma conversação de abertura, compõem a primeira parte, seguida por um texto de orientação de Jacques-Alain Miller, “A droga da palavra”.

A segunda parte desse número 5 convida, por uma primeira seleção de extratos de textos por iniciativa de Tomás Verger, a colocar a trabalho, desde agora, o tema do próximo Congresso da AMP: “Não há relação sexual”, na rede TyA do Campo freudiano. Lembremos que os grupos TyA acolhem de bom grado novos participantes que se interrogam sobre sua prática junto a adictos, toxicômanos ou alcoólatras e desejam contribuir à pesquisa. Como operamos a partir desse aforismo de Lacan, “Não há relação sexual”, em nossa prática? As tentativas de responder a isso, ou de não responder, que os sujeitos buscam no consumo de drogas ou álcool, o que nos ensinam?



DELÍRIO OU TÓXICO

CONVERSAÇÃO SOBRE A DROGA DA APALAVRA

*Marco Androsiglio, Éric Colas, Frédérique Musset-Bilal, Mathilde Braun, Cristóbal Farriol, Coralie Haslé, Pierre Sidon e Tomás Verger.
E a participação de Olivier Talayrach (TyA-Paris)*

Pierre Sidon: Partamos de uma hipótese: as drogas não são necessárias, se delira-se o suficiente; “secretem sentido com força e verão o quanto mais cômoda se torna a vida”, dizia, ironicamente, Lacan¹. Também: “a psicose paranóica e a personalidade (...) são a mesma coisa.”². Era o ano de 1975 e não muito diferente de seus inícios, quando afirmava a “homologia do delírio e da personalidade”³. Se a paranóia é “um enredo imaginário”⁴, a certeza poderia “curar” a falta ou o excesso de sentido. Muitos se curam de uma adicção mediante uma certeza dogmática ou religiosa.

Tomás Verger: Sim, e já no ano de 1946, Lacan propunha que “uma certa dose de Édipo”⁵ poderia ter o efeito de um “medicamento dessensibilizador” no humor.

Bastaria então fazer falar para desintoxicar?

Marco Androsiglio: Há drogas que fazem falar ou delirar. Além disso, na clínica encontram-se cada vez mais sujeitos que tomam drogas só para falar, em grupos ou em suas sessões: é o *chemsex... sem sexo*.

Mathilde Braun: Tenho a mesma experiência clínica. Mas este falatório é uma “palavra plena” no sentido de Lacan, ou uma experiência de gozo?

Frédérique Musset-Bilal: Há também psicoterapias assistidas pela tomada de drogas⁶, das quais se espera um desbloqueio da palavra.

Coralie Haslé: Esperamos o relato da experiência como o relato de um sonho.

1 Lacan, J., *Estou falando com as paredes*. Rio de Janeiro, Zahar, 2011, p. 85.

2 Lacan, J., *O Seminário*, livro 23, *O sinthoma*, Texto estabelecido por J.-A. Miller. Rio de Janeiro, Zahar, 2007, p. 52.

3 Lacan, J., *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade*. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1987, p. 47.

4 Lacan, J., *R.S.I.*, lição de 08 de abril de 1975, in *Ornicar?* n°5, dezembro-janvier 1975-1976, p. 42..

5 Lacan, J., “Formulações sobre a causalidade psíquica” (1946), *Escritos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 184.

6 Psicoterapias Assistidas por psicodélicos, Hospital Universitário de Genebra.

Cristóvão Farriol: Mas não se confunde a alucinação com o dizer? Aqueles que usam drogas para falar não podem dizer nada depois.

MA: Não podemos esperar saber da droga.

PS: É o que diz Lacan em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” a propósito dos alucinógenos: “em nenhum caso uma ascese que seria [...] epistemogênica ou noófora”⁷.

MA: E se a cura é uma “paranoia dirigida”⁸, como manejar o que o alucinógeno provoca?

PS: As produções artísticas ou intelectuais sob o efeito de drogas são geralmente decepcionantes. O único saber que os consumidores extraem disso é, na maioria das vezes, um *des-saber*, porque a droga revela ou afrouxa certa rigidez.

FMB: E revitaliza um corpo mortificado.

MA: Portanto, efeitos do gozo...

Tóxico ou delírio: uma resposta ao sexo real?

MB: Efeitos de gozo diferentes para cada um: muitos não sentem nenhum interesse sexual, ou mesmo não suportam ser tocados sob os efeitos das drogas consideradas entactogênicas.

Éric Colas: E muitos praticantes do *chemsex* aboliram seu consentimento além do prazer, em busca de um gozo da violação programada graças ao tóxico.

CF: Mas falar, assim como o ato sexual, sob o efeito de drogas, implica lidar com o real sexual em ambos os casos. Tal praticante do *chemsex* se drogava para não ter vergonha, tal outro se encontra confrontado com a falta de sentido, falar carece de interesse. Sob o efeito da droga, aparece o falatório.

MA: Por outro lado, um outro só podia ter uma relação na sauna com a condição expressa de não ouvir uma só palavra.

PS: Há o gozo mudo e o gozo da palavra.

CH: E o gozo da palavra vazia.

Um circuito: com ou sem o Outro?

CF: Mas o que algumas drogas têm de novo é suscitar a vontade, enquanto as antigas só desinibiam uma vontade já presente... Na verdade, esses produtos apenas prolongam o circuito pulsional, reduzido ao ato autoerótico.

FMB: A adicção instala, digamos, um *pseudo-desejo*...

7 Lacan, J., “Subversão do sujeito...” (1960), *Escritos*, op. cit., p. 809.

8 Lacan, J. “A agressividade em psicanálise” (1948), *Escritos*, op. cit., p. 112.

PS: Não devemos diferenciar isso do desejo, que é o circuito pulsional que passa pelo Outro, e se afasta do autoerotismo?

CH: Eis a pergunta: os consumidores de drogas, como aqueles que jogam jogos de aposta, estão em relação com o Outro?

Consumir para “funcionar normalmente”?

CH: Antigamente se consumia para fazer coisas extraordinárias, hoje em dia se consome para “funcionar”.

CF: Se consome para ser normal.

PS: Trata-se de apagar a sua singularidade: o sintoma.

MB: A droga viria no lugar daquilo que proporciona o valor fálico?

MA: Daria uma ilusão de sentido...

CF: Em inglês há uma assonância entre *ilusion* e *delusion*, que significa delírio.

PS: A ilusão que não é causada pelo significante é evanescente, ao contrário do delírio que é próprio do ser falante.

MA: O consumo serviria para proteger-se da significação fálica.

TV: Pois já há divórcio, por estrutura, em relação ao falo.

MA: E, por sua vez, há divórcio do falo para casar com o pênis.

TV: Pois o órgão não está fundado no significante, como diz Lacan em ... *Ou pior*⁹.

PS: Tudo isto não institui, pois, uma relação com o Outro, ao contrário do delírio e da palavra.

Tóxico e social ou delírio duradouro?

MA: Trata-se de recusar o Outro, sua demanda...

CH: A toxicomania parece ter perdido o seu aspecto subversivo.

PS: Houve subversão da subversão, como diz Éric Laurent.

MB: É o resultado da ascensão ao zênite social - o *socéu* como diz J.-A. Miller - do objeto.

PS: É a lógica, de fato, do objeto...

MB: Do empuxo a gozar...

PS: Sim, porque o gozo é por excelência o que fragmenta o corpo... e o corpo social. A vítima é o protótipo do resíduo e é por isso que as interseccionalidades dividem ao infinito em vez de reunir.

9 Lacan, J., *O Seminário*, livro 19, ...*ou pior*. Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Rio de Janeiro, Zahar, 2012, p. 17.

MB: E se o consumo também pode fazer laço social, é um laço de gozo.

PS: Mas vale como laço social se não limita o gozo?

CH: As adicções, muitas vezes, falham em criar um laço social duradouro, por isso é preciso sempre recomeçar.

TV: Sim, mas o tóxico não é limite porque é uma substância e não um significante. Daí que a desregulação domine...

CH: Então o tóxico seria um *ersatz*. Vamos ser menos radicais!

PS: A radicalização é própria da época! E segundo Éric Laurent, “é a radicalização do gozo”¹⁰: podemos estar tão drogados pelas nossas teorias como por ideologias! Não convém que trabalhemos antes para uma pragmática do bom uso? Trata-se, portanto, de humanizar o gozo, sob transferência.

¹⁰ Laurent É., « L'inconscient et l'événement de corps, entretien avec Éric Laurent », *La Cause du désir*, n° 91. Paris, Navarin, 2015, p. 20-28.

TÓXICO ◊ DELÍRIO

Nicolás Bousoño, Gustavo Mastroiacovo, Christian Ríos (Argentina)

Em 1978, Lacan avança que “todo mundo é louco, quer dizer, delirante”², indicação da qual Jacques-Alain Miller fez uma bússola na clínica contemporânea. Essa noção de delírio concerne toda estrutura subjetiva, já que o sentido prolifera pelo acréscimo de significação, S2, de tal forma que todo discurso constitui uma defesa contra o real.

Certamente se distinguem construções enodadas pela função do Nome do Pai, que estrutura o domínio da sexualidade a partir da lógica edípica, e outras que, por não contarem com esse elemento, podem fazer uso de um grampo³ que assegura esta função e opera uma regulação do gozo.

A generalização do conceito de delírio, sua extensão além do campo das psicoses, convida a considerar suas possíveis articulações com o tóxico. Perguntamo-nos se, além da relação de exclusão - tóxico ou delírio - resulta possível, e em quais termos, propor uma relação de articulação entre os dois, quando um sujeito consente, via transferência, com a experiência analítica.

Experiências de intoxicação e de fala

Mauricio Tarrab propõe que a prática do toxicômano se caracteriza por não requerer o corpo do Outro como metáfora do gozo perdido, sendo correlativa a um rechaço do inconsciente⁴. Essa operação, pela qual nenhuma mensagem se dirige ao Outro, assinala um rompimento com esse dito campo e a existência de um gozo sem parceiro sexual, no qual o tóxico - e não o falo - opera como resposta ao furo da não relação.

Éric Laurent indica que a experiência da intoxicação guarda, no seu coração, um silêncio, já que rompe com a cadeia significante e com a dimensão da palavra, que permite contornar o vazio. Acrescenta que o sujeito intoxicado pode falar horas e não dizer nada, ou então liberar uma escrita em que nada se escreve. Constitui uma experiência da cifra e de uma contabilidade que enlouqueceram, implicando a dissolução da singularidade e a morte subjetiva⁵.

1 Participaram: Yasmina Romano, Camilo Cazalla, Agustín Barandiarán, Gloria Casado, Adrián Secondo, María Marciani, Silvina Rago, Ana Cascardo, Ana D’Andrea, Carolina Vignoli, Héctor Tarditti.

2 Lacan, J., Transferência para Saint Denis. Lacan a favor de Vincennes (1978), *Correio da Escola Brasileira de Psicanálise* n. 65. Rio de Janeiro: 2010, p. 31. Reeditado no *Scilicet Todo mundo é louco*. São Paulo, EBP, 2024, p. 29-30.

3 Miller, J.-A. “Efeito de retorno sobre a psicose ordinária”, in *A psicose ordinária*. Belo Horizonte, Scriptum, 2012, p. 414.

4 Tarrab, M., “Una experiencia vacía”, disponível em <https://uqbarwapol.com/una-experiencia-vacia-por-mauricio/>

5 Laurent, E., “L’étourdit de la droga”, em Salamone, L. *El silencio de las drogas*. Buenos Aires, Grama, 2014, p. 14-15.

Se a intoxicação, sobre a qual se sustenta a operação toxicômana, é uma experiência vazia de sujeito e de significação, que rompe com o Outro e apela ao gozo a-sexual como resposta ao vazio do sujeito, a experiência analítica passará da droga à palavra, para produzir - onde a droga falha - em alguns casos, a articulação de uma demanda que restitui a dimensão do Outro e a produção do inconsciente para localizar “a cifra da problemática para a qual a droga traz sua solução”⁶.

Em outros casos, nos quais a droga funciona como um tratamento do real do gozo, e quando esta solução torna-se problemática demais, o analista poderá estar ali para possibilitar ao *parlê-tre* outras vias, outras soluções.

A vinheta relatada em seguida articula estas proposições.

Um jovem de 32 anos começa suas entrevistas com uma analista logo após receber, da instituição que consultou por causa do isolamento que acompanhava seu consumo de cocaína, a indicação de não trabalhar, estar acompanhado 24 horas por dia e se afastar de seus amigos. É neste contexto que acontecem as entrevistas.

Começou a fumar maconha na adolescência e, logo depois, a partir da inauguração de sua boate, começou com o consumo de cocaína. Naquele momento, seu primo o incentivou: “você é o dono, não pode não consumir”, disse-lhe. Isso o levou a lugares obscuros e sórdidos.

Para interromper esta espiral, decide vir à cidade com sua namorada de toda a vida, porém, ao descobrir a noite, mergulha em uma incursão que o consome e separa-se de sua parceira de forma amistosa.

Nas entrevistas, localiza seu consumo em relação às mulheres. Nas festas, procura por elas e fala, enquanto dança e consome sem parar. Quando não suporta mais, nem as luzes nem os ruídos, se retira, porém continua, em sua casa, consumindo, chateando com mulheres e falando ao telefone. Isso lhe dá segurança. Fala de coisas sexuais: “Eu me libero do mórbido que tenho em mim”. Ao tentar nomear o resultado de vários dias desse circuito, acrescenta: “coitadinho do meu corpo”. As conversas com mulheres são, portanto, uma continuação do circuito do consumo e um tratamento falido do gozo mórbido, já que ele não consegue frear o mais de gozar e rompe com o imaginário corporal. O consumo, para este paciente, se localiza, então, na perspectiva da insubordinação ao serviço sexual, tal como colocado por Jacques-Alain Miller⁷, e do lado da insubmissão ao desejo do Outro.

Nas sessões, a partir do desdobramento de suas ficções, delimita o gozo que nomeia como “mórbido” e localiza a função da droga em sua economia libidinal, produzindo uma virada para certas festas eletrônicas onde consome somente alguns comprimidos que “fazem com que não me descontrole e que pare aí”.

O tratamento do “mórbido” via intoxicação não provoca um ponto de basta, pelo contrário, solta o enodamento do corpo, sendo a sua imagem empobrecida proporcional à infinitização

6 Tarrab, *op. cit.*

7 Cf. Miller, J.-A. “A droga da palavra”, publicado neste número 5 de *Pharmakon Digital*.

de um dizer que não fixa nada. Através do percurso que ele descreve, um circuito pulsional se precisa: noite – droga – descontrole - mórbido, e a operação toxicômana cede lugar à função do tóxico sob transferência.

Extrair um certo saber

A experiência analítica implica um movimento que vai da experiência da intoxicação à da palavra, ato pelo qual o silêncio das drogas desaparece, para dar lugar ao modo singular pelo qual cada um delira em torno do furo da relação sexual que não existe.

A vinheta precisa uma situação na qual as funções do tóxico e do delírio, sob transferência, apresentam uma articulação possível para um *parlêtre*, da qual ele possa extrair um certo saber.

Mas que tipo de delírio pode produzir a análise? Qual a função do delírio na análise? A experiência analítica constitui um delírio dirigido e orientado pelo sintoma. Retomamos então o que propõe J.-A. Miller: “ser tolo, tapeado por um real [...] é a única lucidez aberta ao corpo falante para se orientar [...]. Analisar o *falasser* demanda jogar uma partida entre delírio, debilidade e tapeação. É dirigir um delírio de maneira que sua debilidade ceda à tapeação do real”⁸.

A experiência analítica não visa dar consistência aos delírios singulares dos sujeitos, mas sim, servindo-se deles, a elucidar - como assinala Sinatra, valendo-se do termo *adixões* - a incógnita da singularidade do gozo de cada *falasser*. O tratamento serve para elucidar o que tem funcionado como sintoma face ao trauma produzido pelo encontro com *lalíngua* para destacar a responsabilidade subjetiva de cada um frente ao seu gozo⁹.

No caso apresentado aqui, não há ficções edípicas, nem tampouco um desdobramento do inconsciente sob transferência. Mas há um deslocamento da intoxicação em direção à palavra e às ficções que permitem a este jovem construir um circuito pulsional. Melhor situar a função do tóxico abre a um certo saber para reduzir a intoxicação e conseguir uma pacificação do gozo.

8 Miller, J.-A, “O inconsciente e o corpo falante”, in *Scilicet O corpo falante*. Apresentação do tema do X Congresso da AMP. Rio de Janeiro, EBP, 2016, p. 31-32.

9 Sinatra, E. “Adixiones, una respuesta a la banalización mediática”, pág. 88-113, In *Conclusiones Analíticas*, disponível em https://perio.unlp.edu.ar/wp-content/uploads/2023/04/conclusiones_analiticas-nro-ano-10-nro-9-2023.pdf

TÓXICO...OU PIOR

Julien Berthomier e Cécile Peoc'h (Rennes)

Eis aqui dois sujeitos que tratam a falta de identificação fundamental ao Outro por meio da toxicomania, revelando uma posição de objeto de gozo. Néó, à deriva do significante e dos encontros, localizou o nome do delírio que teme: “Matrixado”. Benoît, por outro lado, fixa-se a um nome que o oprime: “Gay e soropo” (soropositivo). Graças às intervenções dos profissionais que os tratam, seus gozos, durante muito tempo “curto-circuitados sem mediação”¹ pelos tóxicos, encontram novos pontos de enganche no Outro.

Tóxico ...ou pior: “Matrixado”

Julien Berthomier

Há seis meses que Néó me consulta a partir da sequência de “crises de angústia” durante as festas de final de ano, onde há uso de álcool e drogas. Adicto a tudo, vive como “um ser governado pela pulsão”, segundo ele. No entanto, não vem tratar os seus consumos. Teme sobretudo “delirar”. No alvoroço das conversas, sente-se afetado por olhares e palavras. O sentido lhe escapa. Em referência ao filme estreado em 1999, que lhe evoca a ideia de uma influência, pergunta-se se não estará “matrixado” e a ponto de descobrir o segredo de um mistério. Porém, não acredita e critica este “pensamento delirante, latente, ligeiramente paranoico e megalomaníaco”. Muitas vezes se refugia em videogames para se afastar dos outros e fumar um baseado à noite ajuda-o a “colocar seus pensamentos em *off*”.

Progressivamente, aparecem em seu discurso os imbróglios com o Outro sexo, e mais amplamente, em seu laço com o Outro, frequentemente qualificado de “tóxico”. No início das entrevistas, deixa “sem meio-termo”, diz ele, um trabalho no qual denunciava injustiças.

Néó está também em processo de separação de sua companheira, que sofre de câncer há um ano e cujo diagnóstico se realiza quando ele a trai. Decide ficar com a companheira durante o tratamento. Embora a companheira o restrinja demais, porque ela recusa permitir que ele consuma drogas na sua presença, Néó constata que é a relação “mais estável” que teve em sete anos.

Depois de finalizar seus estudos, escolhe empregos temporários de meio período e reserva tempo para um ativismo político de certa radicalidade. Em função dos encontros que ele tem, interessa-se pela apicultura, o magnetismo, as “energias” ... À fuga do sentido responde com

1 Miller J.-A., “A droga da palavra”, publicado neste número 5 de *Pharmakon Digital*.

sua dispersão. Descobre o parapente e obtém a sua licença de “voo livre”. Nos ares, explica, “desengancha o pensamento”, como com a droga, mas constata que está “pendurado por um fio”. Assinalo em sessão o significante “desengancha”, que ressoa com sua tendência a rompimentos abruptos, o que me parece ao mesmo tempo problemático e necessário para Néó. A transferência é ordenada a partir deste significante em que me apoio para fazê-lo ouvir que se pode desengancha de forma menos custosa.

Em busca de liberdade, diz que precisa ser enquadrado pelo outro, mas que seja “um enquadramento quadrado com bordas arredondadas”. Consinto, então, com suas ausências, insistindo que me avise sobre seu retorno. Me pergunta se o preço das sessões é “fixo”... e logo deriva para o tema do “fix”, dos “shoot” de heroína (pico de heroína). Interrompo sua metonímia, digo-lhe que aqui o preço é estável, assim como o dia e a hora dos nossos encontros. Engaja-se a isso. Tampouco parece querer desengancha-se da sua parceira, com a qual reparte a “guarda compartilhada” de um cão, mesmo vivendo separados. Recentemente, com a chegada repentina de sua amante, se sente obrigado a confessar tudo à sua companheira. “Travado” por uma dor nas costas, preocupa-o não poder encontrá-la. Digo-lhe que a angústia, que toca o corpo, é uma bússola interessante: pode orientar-se por esse real para limitar a invasão do Outro.

Em vez de uma revelação delirante que daria sentido a sua vida, e sem discurso para engancha-se solidamente, Néó consente com certa forma de alienação significativa, em que testemunha um insuportável em fazer *par* com o Outro sexo. As sessões são uma oportunidade de reinjetar um pouco de palavra para encontrar novos pontos de referência, a fim de “não se desengancha totalmente”.

Sair da solidão do delírio da vítima

Cécile Peoc'h

Atendo Benoît há vários anos em um centro de tratamento de adicções. Ele consome drogas desde o início de sua vida adulta, após uma decepção amorosa. Neste contexto, conheceu um homem com quem teve relações sexuais desprotegidas e descobre sua soropositividade ao mesmo tempo que a dele. “Internamente, eu já suspeitava”, revela. Desde o que ele chama “seu mau encontro”, o Outro se torna aquele que “se aproveita” dele, e Benoît pratica o *chemsex*, “flertando com os limites”. Tal como ele o descreve, trata-se mais de “sexo sob efeito de produtos” do que de encontros sexuais ligados ao desejo. Mas ser soropositivo guia sua vida: “Gay e soropo”, diz ele. Parece localizar neste significante o gozo que lhe é imposto. Seu corpo agora levado aos cuidados médicos e sua escolha de trabalhar na prevenção das adicções permite-lhe manter uma inscrição mínima no laço social.

Em sessão, Benoît fala sobre “sua agressão” quando era criança, que resulta ser o “mau encontro” inicial: os toques cometidos por seu vizinho. Além da invasão do real do gozo sexual, o que mais o marca é o veredicto do juiz e as consequências de sua aplicação. Seu agressor, considerado culpado, sai livre do tribunal. De fato, depois de vários anos de prisão aguardando o julgamento, recebe a sentença de cumprimento da pena em regime aberto. “Isso me destruiu; é

como se não me tivessem ouvido”. A decisão do juiz, passando despercebida para Benoît, acentua seu sentimento de ser objeto do gozo do Outro. Escolho me contrapor à inclinação melancólica deste sujeito, que não se sente escutado, ressaltando que seu agressor foi condenado, foi imposta uma sanção. Quando Benoît, vestido com mangas curtas, mostra nas sessões as marcas do seu corpo, peço-lhe que vá ao pronto-socorro para evitar infecções e me certifico que ele vai às consultas de enfermagem para seu cuidado. Também me interesso por “seu lado romântico” que o conecta mais com o lado da vida.

Os parceiros que Benoît encontra mostram-se pouco disponíveis. Ele se sente sozinho e se queixa disso. Faço-me o lugar onde sua voz é ouvida. Seu esforço contínuo para situar sua posição no Outro, e se dirigir a mim, ameniza sua intoxicação. Sua prática do *chemsex* e seu consumo de drogas se tornam mais ocasionais e são menos o foco de nossas sessões. Mais “sujeito da palavra do que do gozo”², Benoît parece, pouco a pouco, desprender-se de seu modo de gozo, para engancha-se um pouco mais ao Outro e sair da solidão de seu delírio de vítima. Atualmente ocupa o cargo de funcionário municipal eleito responsável pela vida comunitária.

2 Miller, J.-A., *op. cit.*

O CORPO DO DELÍRIO

José Manuel Álvarez (Barcelona)¹

São clássicas, na clínica das adicções, as eclosões delirantes ao interromper o consumo, o que vai ao encontro do título *Delírio ou Tóxico*. Mas também, configurações em que o tóxico opera como rampa de lançamento para um universo delirante, no qual o sujeito vive experiências inefáveis, que cessam quando o tóxico é suspenso. O erro diagnóstico de *psicose induzida por substâncias* tem aqui sua carta de cidadania clínica.

Ao contrário, fenômenos elementares muito discretos, porém incisivos, outros muito barulhentos e perigosos, são reduzidos pelo uso do tóxico, que oferece ao sujeito uma paz e uma calma que nenhum outro remédio oferece, nem sequer o mais sofisticado saído pela porta da frente da indústria farmacêutica.

Uma terceira apresentação – e restam mais algumas - mostra o par *delírio e tóxico* em intrincadas conexões, e na qual se pode acompanhar uma combinação de falhas, tanto do tóxico como do delírio, ambos usados para abordar o abismo insondável da forclusão.

É o caso do senhor S., 58 anos, consumidor desde os 20 e que passou 12 anos na prisão por tráfico de drogas e sequestro, em constante risco de passagem ao ato agressivo quando chegou a nosso Centro. Como “preciso prestar contas a alguém do que me acontece”, encontra, no analista, o *secretário do alienado* em quem depositar o testemunho de um sofrimento desde sua entrada na cadeia, que se desenvolveu lenta, porém insidiosamente.

Com consumos pontuais de heroína fumada e álcool quando começamos a atendê-lo, refere que tudo começou antes dos 20 anos, quando desencadeou-se uma dor de incomensuráveis proporções, que o levou a estar acompanhado constantemente em seus afazeres diários por um “Ai!” que nomeia uma dor insuportável na junta mais íntima de seu ser e que se estende por todo o seu corpo. O encontro com a heroína, “que me dava muito medo por ter que me injetar”, será sua cura instantânea: “encontrei-me imediatamente curado desse ‘Ai!’ constante”. No entanto, essa terapêutica deu passagem para a falta de recursos econômicos, a dificuldade em encontrar trabalho e a sua atividade delincente, em função da qual foi parar na cadeia. Lá o consumo também era pontual; porém, depois irrompeu o que, para o médico, era uma gastroenterite, ainda que, para ele, fosse uma muito dolorosa *úlcer*a de estômago que só se acalmava com *Plasil* e, ocasionalmente, com uma medicação injetada na enfermaria da penitenciária.

1 Participantes: Irene Domínguez, Erick González, Nicanor Mestres, Fernando Juárez.

Quando saía da cadeia, procurando onde dormir, passou um carro “e só era um carro que passava. Mas foi passar e me lançou o mal...”. Um mal que nomeará como “uma malária”; e logo, mais precisamente, “uma raiva”. Raiva que data de quando começava a consumir heroína e esquecia o que pensava: “Estava pensando em algo e me esquecia do que pensava, e a raiva entrava em mim. Era muito mais leve que agora, mas já era daquelas”.

Na cadeia, seu mundo começou a povoar-se de estranhos sinais: “Esquecia-me dos pensamentos e do que aparecia na TV, e ficava com raiva. Escutava ruídos estranhos que vinham de outras celas e ficava com mais raiva. Alguém manejava tudo isso para que me esquecesse, tenho certeza”.

A raiva que lhe “entrava” naquela época era uma “raiva doce”, diferente da que, agora, lhe é lançada por um cortejo de indivíduos que passam ao seu lado e que é impossível evitar, ainda que mude de passeio, os evite etc., porque “sempre acabam te encostando, te jogam a raiva e te deixam mal”. É um mal profundo, devastador: “me deixam mal, muito mal, com uma loucura tremenda durante horas. Falta-me o ar e preciso segurar-me de tão mal que fico. O senhor não pode imaginar, Don José Manuel. Dá vontade de fazer-lhes algo, mas não quero voltar à prisão; por isso digo-lhes barbaridades, é a única coisa que faço. Porém, vontade de fazer-lhes algo não me falta”.

Explicará que esta raiva é uma “raivaça”; uma raivaça na qual se incluem as autorrecriminações por seu passado consumidor, por ter gastado muito dinheiro, perdido sua moradia e ter acabado num abrigo. O que derrama uma mancha negra sobre a origem humilde de seus pais, que cultivavam terras cujo dono era um *Juiz*, “por certo, muito rico...”, por ter acabado na cadeia. Tudo isso orquestrado por “O Deus Eterno que vai criando outros deuses. São chefes que põem às suas ordens as pessoas normais e comuns e que, logo depois, me lançam a raiva por transmissão de ondas através das quais me enviam o mal”, com a finalidade de matá-lo, que o paciente finalmente morra. E morra “para dar continuidade à vida do mundo, à renovação da raça humana (...). É a criação do mundo, o poder de tê-lo suspenso no espaço sem ser sustentado por nenhum eixo... Por um lado, passo muito mal quando me lançam a raivaça; por outro, dá-me muita alegria saber a importância que tenho por ser o meio através do qual se consiga isso”.

Se delirar visa um sair do sulco, na nossa orientação, podemos dizer que, claramente, é um modo de encontrar um. Muitos o conseguem sem ajuda. Outros fracassam estrepitosamente, pondo em jogo sua vida e seu desejo. Para aqueles que se encontram com um psicanalista, esse deve estar disposto - sempre contra si mesmo - a oferecer um lugar onde o sujeito possa desdobrar seu drama em uma forma delirante para que, de sua *conversa* com o gozo devastador, possa emitir-se um juízo ético que o encaminhe por uma via que articule algo de seu desejo, inclusive um símil de desejo.

O senhor S., - atualmente também em tratamento com *Metadona* -, nos deixa ver com clareza cristalina um “Ai!”, significante de “uma desordem na juntura mais íntima do sentimento de vida”, cuja base surda é uma angústia absolutamente irrespirável que causa uma comoção tal, que deve ser paliada com heroína. Esta também deixa as pegadas de sua falha nas afecções estomacais que o paciente continua padecendo de forma intermitente, e que, em algumas ocasiões,

requerem levá-lo a emergências. Aqui, o impossível da castração retorna sob a forma da úlcera e das autorrecriações. Inclusive é provável que a falha paterna tenha sido suprida, na época, com a atividade criminosa que o levou a ficar encerrado entre os muros da cadeia, não sem antes passar pela sentença do famoso juiz. Em suma, o delírio vem operar como localizador da libido tóxica desencadeada, “sem eixo”.

Resta dizer que os fenômenos corporais, em seu estatuto elementar, estão em primeiríssimo plano, e que esse corpo costuma ser tomado pelo delírio para traçar uma cartografia na qual o sujeito possa localizar-se, quer dizer, inventar um eixo ali onde nunca houve um. E mostram que, na falta do corpo do delito, o corpo é um corpo do delírio.

OVERDOSE OU DELÍRIO ORDINÁRIO?

Vic Everaert (Bruxelas)

Percurso

Há seis anos, Eddy, na ocasião com 40 anos, foi-me encaminhado por um serviço psiquiátrico onde permaneceu por um ano com queixas depressivas. Explicou-me que “o social tornou-se ainda mais difícil”, agora que está sóbrio há quatro anos.

A pergunta “mas o que é que estamos fazendo aqui?” o persegue. Na adolescência foi hospitalizado depois de ter ingerido medicamentos. Não foi “uma verdadeira tentativa de suicídio”, diz. “Imaginei um belo funeral, mas temia que uma *overdose* mal sucedida pudesse me deixar incapacitado. Nesse momento, eu chamei minha mãe”. Este episódio marcou uma virada em sua vida: uma mudança de escola e de seu círculo de amigos. Talvez a ideia de uma deficiência visível tenha lhe salvado a vida... Com efeito, Eddy se destaca pelo gosto por roupas de marca e cuidados que tem com sua imagem.

Antes dos 30 anos, consumia anfetaminas e álcool. Na época, gerenciava uma cafeteria: “Eu suportava o contato com os clientes graças ao álcool”. Depois da falência, concluiu os estudos de enfermagem psiquiátrica. Aos 36 anos faz uma desintoxicação, ficando abstinente e aos 37 conhece Charles, que agora é seu marido.

Aos 39 anos, a hospitalização que precedeu o nosso encontro foi consequência de um conflito no seu local de trabalho. Eddy havia apresentado uma queixa contra a direção em resposta à decisão de o substituírem em um congresso. Um colega mais velho não queria compartilhar o quarto com ele devido à sua homossexualidade. O hospital propôs que outro colega fosse em seu lugar. Eddy nunca mais voltou a esse trabalho. Nota-se que sua mãe também o tinha censurado pela sua homossexualidade de maneira cruel. Acrescenta que, no trabalho, “tinha sempre medo de cometer um erro”. Esta observação contrasta com o seu estilo irônico e provocador, bem como com os momentos em que tem uma autoestima elevada.

Após a sua hospitalização, passou um período marcado por um grande vazio. “Superexcitado”, entediava-se, irritava-se, tornava-se sarcástico e precisava do que chamava “um novo sistema”.

Tomou duas decisões: deixar a sua região natal e mudar-se para o apartamento de Charles, e depois casar-se com ele. Estas decisões, puramente pragmáticas, oferecem-lhe um novo contexto de vida.

Flutuações e inclinações

O percurso de Eddy é marcado por grandes mudanças, constantes oscilações entre “desespero” e “excitação”, problemas no laço social e dificuldade para construir algum saber sobre si mesmo, consumos diversos, sobre o fundo de uma onipresente atração pela morte. Acredita ser bipolar.

A inclinação suicida sempre se apresenta como uma solução final. Investigou sobre a possibilidade da eutanásia por sofrimento psíquico.

Por outro lado, acredita ser imortal e admite ter encontrado escritos nos quais se imaginava chegando aos 126 anos: “Eu sabia que isso era uma fantasia, mas me ajudava”.

Nos últimos dois anos, tem passado por episódios de crises nos quais está convencido de ser objeto de forças exteriores. Ele seria vítima de complôs, pensa que os demais fingem ignorar o que se passa e que os seus telefones foram manipulados. Escreve ao Rei para adverti-lo, etc.

Tentativas de estabilização

O que lhe dá uma sustentação em seu percurso caótico?

As cifras enquadram Eddy. Gosta de passear ao ar livre pela natureza, conta as distâncias e a duração de seus trajetos. Levanta-se 2 horas antes de sair para o trabalho. Fazer feira ao ar livre implica todo um cálculo: tenta recuperar através das vendas os gastos com combustível. Monitora seu ritmo cardíaco. Suas operações de contagem iniciam e emolduram cada uma de suas atividades.

Após 5 anos de abstinência, volta a beber. Tenta, então, controlar seu consumo através de um aplicativo, instala um bafômetro em seu carro e mede o tempo que o álcool leva para ser absorvido/eliminado.

Como solução para as dificuldades que experimenta nas relações sociais, recorre ao uso do que nomeia sua “máscara”. Por outro lado, ele se dedica a denunciar ironicamente a hipocrisia e a injustiça sociais. Beber ajuda-o a suportar os outros, o álcool atenua sua sensibilidade à maldade deles. Também o faz pensar menos em questões existenciais, mas às vezes o faz perder o controle. Por exemplo, ocorreu-lhe a ideia de organizar uma festa para 500 pessoas no seu antigo bar no dia do seu casamento: “Tenho a impressão de que o álcool provoca em mim uma espécie de psicose”.

Uma solução pelo tratamento

Nos últimos dois anos, a situação se agravou. Apesar do apoio de uma rede ambulatorial, as crises multiplicaram-se e o levaram a hospitalizações de urgência. Diante de

seus pensamentos suicidas, seu médico lhe prescreveu um “psicoestimulante potente” (considerado um entorpecente em alguns países). Recuperou a vitalidade, como quando me falou do efeito dos seus longos passeios pela natureza.

No entanto, pouco a pouco começou a aumentar as doses do seu tratamento. Apareceram ideias e projetos voláteis com uma tonalidade maníaca: reinvestir em sua fé, acolher um refugiado que encontrou na rua, limpar a sepultura de um velho conhecido no cemitério, alugar uma casa na minha rua, etc. As convicções interpretativas parecem reforçar os excessos da sua medicação.

Em direção a um delírio ordinário

Geralmente, quando ele tende a se perder em seus excessos, minhas intervenções visam estabelecer limites a um gozo que transborda. Quando a morte se torna a última saída, eu escuto sem dar consistência ao que diz e, sobretudo, marco um próximo encontro. Por vezes dou-lhe conselhos e encorajo-o a fazer determinadas ações administrativas ou esportivas. Acuso o recebimento de suas mensagens escritas e às vezes as respondo.

Recentemente, ao retomar, com dificuldade, o trabalho em uma casa de repouso, mencionou as suas “competências técnicas”, muito apreciadas pelos colegas (coleta de sangue, diálise, etc). Nesta perspectiva, sugeri que procurasse um trabalho mais técnico e individual, como na Cruz Vermelha.

Poderia Eddy encontrar deste modo uma nova forma de proteção? Poderia seu ideal de ajudar os outros, sua identificação imaginária ao “bom técnico”, seu uso da máscara, funcionar como um “delírio ordinário”? Um delírio que adiaria um pouco a necessidade de buscar o efeito de revitalização e apaziguamento no consumo, sem limite, de seu tratamento?

DELÍRIO & TÓXICO: AMPUTAR A VOZ DO SALVADOR OU SERVIR-SE DELA?

Pablo Sauce (Salvador)¹

O título do IV Colóquio da rede TyA do Campo Freudiano², **Delírio ou tóxico**, articula dois recursos heterogêneos ante a janela que se abre para o “infinito real da pulsão de morte”³ que impera entre *nós*⁴. O primeiro recurso, pela via da palavra, implica um “todos delirantes”; já o segundo, pela via da intoxicação, implica um “todos adictos”. Para afrontar essa janela só contamos com a construção de um *saber*. Na prática institucional com adictos, qual a relação entre o saber e o fazer em jogo?

O modo de conjunção disjuntiva ou alternativa do título: delírio **ou** tóxico, implica uma função de exclusão entre ambos. Dita função é instituída sistematicamente pelas práticas terapêuticas que respondem pela chamada Saúde Mental; cujas intervenções implicam em algum tipo de amputação do que não encaixa na norma; quer dizer, do que surge na cena como excessivo ou disfuncional para o vínculo social. Para colocar em questão este modo privilegiado de conjunção, entre o recurso ao tóxico ou à palavra, ou à sua amputação no tratamento das adicções, buscaremos localizar em um fragmento clínico as funções do tóxico, do delírio e do analista. Trata-se de uma vinheta na qual o analista se confronta com a reivindicação de S. pelo direito de intoxicar-se para recuperar a voz que o inspira a compor música: me intoxico, logo deliro; dando lugar a um modo de conjunção conclusiva que implica uma função de inclusão e até de relação causa-efeito entre o sujeito e seu objeto. Uma ilustração da luta pelo direito à composição de um delírio, que nos provoca delírio & tóxico, como uma forma criativa de fazer um nó sob transferência.

A resposta terapêutica ante o quadro apresentado por S. foi a amputação do delírio e do tóxico: resposta provocativa, uma vez que remete a cortar, remover, tirar parte / pedaço. Na medicina amputar seria uma forma de remover algo para controlar a dor, uma doença. Mas do que se trata quando falamos da amputação do delírio e do tóxico?

1 Participantes: Cassandra Dias Farias, Cláudia Formiga, Cláudia Maria Generoso, Giovanna Quaglia, Maria Célia Reinaldo Kato, Maria Wilma S. de Faria..

2 Essa versão do texto contempla considerações de Giovanna Quaglia e Nadine Page na discussão do caso no Colóquio Internacional TyA.

3 Kaufmanner, H. *Lacan e a solução elegante na psicose*. Belo Horizonte: Relicário, 2023, p.127.

4 “Nós”, a primeira pessoa do plural, equivoca, em português, com enodamento.

Delírio & Tóxico

O jovem S. passava o tempo isolado, compondo músicas, jogando videogames e fumando maconha. No final da adolescência, já sob o uso regular de maconha, a partir do uso de *ayahuasca*⁵ no contexto de um ritual de origem indígena, rompe-se a moldura que enquadra sua realidade psíquica e ele começa a ouvir vozes. Localizamos neste encontro com o alucinógeno a intrusão de um gozo inédito, não significantizado. Na perspectiva da invenção, ante o rompimento dessa moldura subjetiva, a construção de uma solução, que permitisse a reconstituição de sua realidade psíquica, se apoiou em um traço identificatório ao pai, no lugar do Ideal, que operou como suporte: o gosto pela música, donde deriva o compositor. A partir do encontro com o alucinógeno, na adolescência, e ante a irrupção de um modo de gozo absolutamente novo, sem o suporte de um discurso constituído ante o chamado do significante no real, surge a resposta de S. através da reencarnação de uma figura mítica: a do Salvador dos espíritos puros que ainda não foram batizados pelas cruzadas feitas em Nome do Pai. Essa será sua missão, a qual consiste na transcrição de melodias ditadas por uma deidade não afetada pela intervenção do batismo. Através das composições musicais, S. instaura uma sequência com intervalos, suspensões, escanções e variações características da estrutura do cálculo própria ao simbólico⁶. O que produz um significativo apaziguamento, ainda que temporário. Cabe destacar que apresenta absoluta falta de interesse pelo encontro com o Outro sexo.

Tempos depois é internado sob o argumento de abuso de maconha, ao qual é atribuída sua posição de recusa dos ditados do Outro social e seu isolamento da família. Proíbe-se o acesso à droga e aplica-se ECT: cessam as vozes, S. diz sentir um vazio insuportável e ameaça suicídio. A partir dos efeitos de amputação da voz, tanto pela proibição da droga, como pela aplicação do ECT, localizamos outra intrusão de gozo que deixa o sujeito privado desse “mais-de-vida” que encontrou na droga e que não cessa de reivindicar após sua perda. Questionamos: a nomeação Salvador, em uma perspectiva mística, seria o que o mantém à distância do encontro com o problema sexual? Mas, isto seria possível sem a função do tóxico, o qual lhe permite ligar-se particularmente à voz dessa deidade que inspira nele a composição significante? O fato de que a perda da ligação entre tóxico e delírio tenha sido concomitante à privação da droga, induz a inferir uma relação causal entre ambas; assim, é a partir desta privação que passa a defender seu direito de intoxicar-se. Aqui, levanta-se a hipótese de que o efeito do encontro com a *ayahuasca* possa ter criado as condições para a associação causal entre a maconha e a voz.

O encontro com o analista foi consequência do descompasso entre sua realidade psíquica reconstituída pela invenção delirante e a outra realidade, vinculada e imposta pelo Outro social. Descompasso produzido a partir da amputação do “mais-de-gozo” obtido com a droga. A partir desse momento, o analista passará a secretariar S. e mediar a resolução dos impasses produzidos com o Outro social; ao tempo em que se instala uma troca de ideias sobre as estratégias usadas por S. nos videogames e sobre seus gostos musicais. Após um período de trocas, no qual o analista questiona sobre a composição musical, S. recupera a inspiração e retoma suas composições. Cessa a reivindicação pelo direito de intoxicar-se e não faz mais referência à voz inspiradora.

5 Chá de ervas e cipós da Amazônia com propriedades alucinógenas, a Ayahuasca faz parte da medicina dos povos indígenas, sendo usada em rituais religiosos para abrir a percepção.

6 Kaufmanner, H. *Ibidem*, p. 88.

O que houve, então, com a solução consoante, entre o tóxico e o delírio? Consideramos que após a amputação do gozo da droga, se impõe ao sujeito um reajuste de sua posição subjetiva que o conduz a buscar novas soluções. Em função da entrada em cena do analista, não sem a voz como objeto de uso; à medida que S. incorpora o recurso à palavra, o tóxico pode ter dado lugar a outros arranjos, menos extraordinários, não tão “vivos”; porém mais compatíveis com o Outro, especialmente em sua dimensão social.

Consideramos que neste tratamento dado à voz como objeto libidinal, a persona do compositor proporciona semblantes da cultura e propicia identificações que servem de amarração transitória, emendas que funcionam como ligações com o Outro social.

ABSTINÊNCIAS E DELÍRIOS

Benjamín Silva, Sabina Serniotti, Matías Meichtri Quintans (Argentina)

No ensino de Lacan, fenômeno elementar e delírio compartilham a mesma estrutura de linguagem, o que nos permite afirmar - seguindo J.-A. Miller - que o S_1 é sempre elementar, já que não se sabe o que significa². Somente a partir do S_2 pode surgir a significação do S_1 , o que coloca todo sujeito na situação de ter que decifrar um significante, do qual deduzimos uma coerência entre saber e delírio. Agora, se “todo saber é um delírio e o delírio é um saber”³, perguntamo-nos onde entra o tóxico no sujeito da palavra, e se esta opção lhe poupa a construção do S_2 , quer dizer, do delírio.

Apresentaremos duas vinhetas que mostram, no início do tratamento, como acontece a abstinência da substância quando se desmancha uma solução e como - sob transferência - é possível localizar o ponto no qual todo sujeito se vê confrontado a ter que decifrar um significante.

R. busca uma consulta a partir de uma discussão com sua esposa. Tinham bebido demais. Suas “cagadas” costumam estar atravessadas por excesso de consumo. A respeito desse significante, desdobra seu romance familiar articulado às origens “sujas” de sua mãe, que carrega como um estigma. De fato, sua mãe nasceu de uma relação incestuosa de seu avô com uma sobrinha. Lembra-se, com desagrado, de uma cena em que vê a avó abusando de álcool. Adverte que essas coordenadas participam de tensões permanentes com sua parceira. Ao trabalhar neste achado, menciona: “por isso também quero limitar o álcool”. Diz que consumir álcool o deixa mais predisposto a que apareça “o parente pobre da dúvida”⁴. Desse modo, um sentido em torno do ato de consumir começa a se desdobrar.

L. é acolhido em um abrigo para pessoas em situação de rua. Manifesta fenômenos de dor no corpo e sofre agressões do outro. A partir desses sintomas, a instituição lhe impõe a abstinência de seu consumo de cocaína como condição para continuar sendo acolhido. Assim, é encaminhado para o centro de assistência às adições. Coloca que está ficando insuportável a abstinência, já que, quando consome cocaína, as dores não existem. Também diz sentir-se vítima da hostilidade do outro. Começa a ter sonhos que não tem quando consome, figurando, por exemplo, uma faca com a qual o outro atravessa seu corpo. Interrogado pelas razões de

1 Participaram: Ignacio Degano Ábalos, Andrea Fato, Santiago Kler, Miguel López, Laura Mercadal, Federico Quintín, Lucila Ruiz Imhoff, Georgina Vorano, Luis Dario Salamone, Dario Galante e Guillermo Drikier.

2 Miller, J.-A. “A invenção do delírio”, disponível em <http://www.opcaolacaniana.com.br/antigos/pdf/artigos/JAMDelir.pdf>, p. 18.

3 *Ibidem*, p. 19.

4 Alusão a um fragmento da canção *Corre, dijo la tortuga* de Joaquín Sabina.

seu consumo, confessa: “Isso me aconteceu por um trabalho que uma mulher fez com umas bruxas, começaram fazendo isso com meu avô por uma mulher a quem ele devia dinheiro por sexo, mas depois passaram a fazer o mesmo comigo. Na outra província onde morava, sentia as vozes das bruxas e, por isso, vim para Córdoba, porque as energias dessas bruxas não chegam até aqui”. L. atribui a capacidade para “não sentir nem escutar essas bruxas” ao consumo de cocaína.

Da abstinência ao delírio ou retorno

R. começa a desdobrar em transferência o delírio edípico que veicula uma trama simbólica “em sintonia com os discursos herdados”⁵. Assim, o sujeito pode pôr em série sua embriaguez com a de sua avó e, graças ao deslocamento, para ele é possível perguntar-se pela origem “suja” e pelos efeitos em relação à sua *parceira* que derivam nas “cagadas”. Sua abstinência se insere em uma trama simbólica e forma parte de um saber fazer com o consumo.

Em L. a abstinência se impõe - assim como o próprio consumo - e faz presente o vazio de significação, mobilizando, em transferência, a continuação de um trabalho com o significante. A emergência de fenômenos elementares confronta o sujeito com um estado de perplexidade como índice de um gozo indizível que opera levando à construção de um Outro mau, numa tentativa precária de amortecer a intensidade das perturbações no corpo. Daí o necessário esforço para construir um sentido, uma elaboração que venha ao lugar do S_2 numa tentativa de moderar a invasão de gozo no corpo e no Outro.

Abstinência possível - Abstinência imposta

Se o recurso ao tóxico se faz prescindível em um caso, tornando possível a abstinência, no outro, a abstinência imposta faz emergir um delírio precário, feito de peças soltas, que não é suficiente para tratar o gozo invasivo. Poderíamos pensar que a intoxicação inibe a construção de sentido, poupando ao sujeito o trabalho de significação; ou como dizia Freud, de “reconstrução”⁶. Neste ponto, convém distinguir as modalidades da ficção delirante segundo a eficácia com que cada um consegue instalar uma defesa contra o real.

De modo que: prescindir da articulação com o S_2 impede a emergência do efeito sujeito e, com isso, as vacilações derivadas de sua falta a ser; mas isso não impede o surgimento do sujeito no real, quer dizer, naqueles fenômenos que o confrontam com esse “curioso efeito de interrogação sobre o sentido”⁷. A operação toxicômana permite obturar esse efeito de interrogação que vincula o significante ao sentido. É por isso que Freud denominou esse recurso de “o mais grosseiro, porém o mais eficaz”⁸: com pouco trabalho e sem tantos rodeios, o sujeito se imobiliza num fenômeno de sentido zero, amordaçando a ficção por vir.

5 Cf. Editorial de *Pharmakon Digital* 5.

6 Freud, S., “A perda da realidade na neurose e na psicose” (1924), in *Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte, Autêntica, 2016, p. 283.

7 Miller, J.-A. “A invenção do delírio”, *op. cit.*, e manter p. 17. , p. 17.

8 Freud, S., “O mal-estar na civilização” (1930), in *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, vol. XXI. Rio de Janeiro, Imago, 1974, p. 96.

Esclarecimentos

No primeiro caso, “o parente pobre da dúvida” foi uma nomenclatura engenhosa, um *Witz* que R. produziu inadvertidamente em uma sessão, ao interrogar as relações entre excesso de álcool, inseguranças e cenas de discussão com sua parceira. Foi recortado, em sua análise, como um modo privilegiado de nomear o fantasma de indignidade que o acomete, em articulação com o sintoma da dúvida e da insegurança. Não é o amor, mas a sua reputação que o conduz a procurar a abstinência e a regulação. A elaboração de um saber, via transferência, permite-lhe realizar manobras e limitar o gozo em jogo, assim como perceber, com maior frequência, os signos da cena que se anuncia, antes de realizá-la.

No segundo caso, L. chega fugindo de alguns fenômenos particularmente persecutórios. Em sua errância, chega à cidade de Córdoba, onde é acolhido em um Lar, instituição de orientação católica. Passados os primeiros dias de acolhimento, começa a padecer de alguns fenômenos de corpo, dores sem causa, que já sentiu em momentos de abstinência. Essa instituição lhe impõe a abstinência e lhe sugere começar um tratamento numa instituição na qual não se impõe a abstinência como condição para o tratamento, onde é recebido por uma praticante da psicanálise. O trabalho vai decantando em localizar a eficácia que a cocaína tem para afastá-lo do gozo invasivo em seu corpo e da certeza da malignidade do Outro. Como uma confissão, começa um trabalho de elaboração delirante cuja significação o estabiliza. Os fenômenos de corpo e a certeza de malignidade do Outro, desencadeados pela abstinência, se apaziguam. Sua vida transcorre entre o tóxico, a abstinência e a ficção delirante.

DO BEBER AO BEBÊ

Cristina Nogueira (Belo Horizonte)¹

A psicanálise de orientação lacaniana tem se debruçado sobre os sintomas contemporâneos à medida que os laços sociais se reconfiguram. Desde Freud², as formações delirantes se apresentam como uma espécie de remendo de uma fissura aberta na relação entre o eu e o mundo exterior, franqueadas por um mundo de fantasia, uma espécie de reserva contra as exigências da vida. Nos diz Lacan³ dessa ruptura: a realidade sacrificada é uma parte da realidade psíquica. Essa parte é esquecida, mas continua a se fazer ouvir, de uma forma simbólica.

Lacan⁴ define a pulsão como, “no corpo, o eco do fato de que há um dizer”. Faz alusão não apenas a esse efeito sobre o corpo, mas também à sua insistência. Orienta que uma análise deve ir além do simbólico e do imaginário e visar ao que toca o corpo do sujeito — buscar, para além das palavras que o sujeito enuncia, um traço de gozo que ex-siste no nível do dizer. Se uma análise implica ler rastros de gozo, deve incidir também sobre a pulsão, sobre as marcas de gozo deixadas no corpo pelo encontro com o significante.

Nos usuários de drogas, a orientação lacaniana nos convida a seguir o rastro do real do gozo numa repetição que é pura iteração. Isolar essa marca singular do gozo, cernir a função da droga e verificar como se opera a relação do sujeito ao consumo nos orienta na direção do tratamento. Antônia traz elementos que nos permitem apreender como a aposta na transferência à psicanálise incide sobre a relação com a substância, abrindo a possibilidade de tecer uma forma de delírio que reate um laço social mais compatível com a vida.

Ela chegou para tratamento com 48 anos e fazia uso de álcool desde os 20, com prejuízos sérios após a separação do marido, pela dificuldade em administrar, sozinha, a casa, os filhos e o trabalho. Na época participou do AA, interrompeu o uso e casou-se novamente com um homem, um “grande amor”, que lá conheceu. Ele a ajudou a cuidar dos filhos e a manter-se organizada por anos, até que ocorreu um episódio com um bebê que teve seu pezinho queimado na incubadora do hospital em que trabalhava como enfermeira. Ela foi afastada sob suspeita, ficou profundamente deprimida e voltou a beber. O segundo marido envolveu-se então com outra mulher,

1 Participaram: Aléssia Fontenelle, Cláudia Reis, Daniela Dinardi, Leonardo Mendonça, Mauro Agosti, Miguel Antunes, Tiago Barbosa.

2 FREUD, S. A perda da realidade na neurose e na psicose (1924). *Neurose, psicose e perversão*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 284. (Obras Incompletas de Sigmund Freud).

3 LACAN, J. Eu venho do salsicheiro (1955). *O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Texto estabelecido por J.-A. Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 1988. p. 56.

4 LACAN, J. *O seminário, livro 23: o sinthoma*. Texto estabelecido por J.-A. Miller. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. p. 18.

separando-se de Antônia. A relação com um homem a estabilizava, mas também a desestabilizava, quando era abandonada vivia uma devastação.

Iniciou tratamento no CAPS alguns anos após esses episódios, debilitada fisicamente, deprimida e angustiada. Interessou-se pelos ateliês de pintura, o que a remeteu a uma cena na infância quando uma professora rasgou um desenho seu. Foi horrível, era o rosto de sua mãe, que ela tentava fazer “reviver”. A mãe havia morrido quando ela era bem pequena e não se lembrava dela. Falavam-lhe que era “revolucionária para a época, trabalhava, era elegante e alegre. Uma *vítima do destino*”. Após sua morte, os filhos ficaram com o pai, que se casou novamente.

Antônia passou a falar de sonhos, associações e apresentou melhora no humor e na saúde. Falou de algumas lembranças que não tinham sentido: crianças, corpos e a perturbação que lhe causavam. Lembra-se de que enterrava bonecas e perguntou o que tanto enterrava. No dia seguinte, demanda outra sessão e relata uma cena em que estariam o pai, o tio, uma mulher de branco, uma caixa com um bebê morto. Chora copiosamente e aos poucos explica que agora entendia: sua mãe estava grávida, havia feito um aborto e morreu no procedimento. Questiona se a mãe teria desejado abortá-la quando estava grávida.

Na transferência, a paciente diz que a analista seria sua consciência e, quando ela engravida, começa a chamá-la de “mãezinha”, adotando, na mesma ocasião, uma gata. A paciente continuou o trabalho de pintura, agregando elementos do feminino, e chegou a expor seus trabalhos. Uma maneira de tratamento do real deixado pela morte da mãe.

Antônia bebia e ficava “louca”, porém não queria ser alcoólatra como o pai, nem louca, mas uma mulher “interessante”, “transformista”. Quando estava deprimida, ficar “grogue” era uma forma de “pôr o sexo para dentro”, prescindir dele. Em um sonho, estava transando com seu namorado e cortou o pinto duro dele, dentro dela. Depois, encaixou-o novamente. Ela ri e diz que “não tem mesmo, vai fazer outras coisas, não pode é ficar morta”. Após as elaborações e sonho, ela não voltou a fazer uso do álcool, apresentando um corpo mais vivificado. O sonho da relação sexual, corte e encaixe, parece ter propiciado um efeito de localização do gozo e a emergência de um sentimento de vida.

Poderíamos pensar que ela trata o episódio traumático da queimadura do bebê se identificando ao bebê morto. Antônia respondia a uma certa perplexidade com o recurso ao álcool, cujo gozo tratava a intolerável perda do sentimento de vida. Com o tratamento, ela pode ir organizando sua história, se desidentificando desse lugar mortificado. A análise possibilita a inscrição de uma nova orientação para o gozo, deslocando a iteração toxicômana e abrindo para outras formas de resposta ao intolerável da separação e da morte.

A realidade construída na análise tem elementos de delírio, de ficção e de invenção. Antônia manteve o trabalho analítico durante 25 anos, junto ao acompanhamento psiquiátrico. Depois dos 73 anos de idade, sua saúde ficou mais debilitada, mas solicitava sessões quando tinha algum sonho ou era perturbada por “sons de sirenes” que, associados aos fatos trágicos vividos, a angustiavam. Parece-nos que o atendimento lhe permitiu prescindir do álcool e viabilizou a construção de uma outra forma de se conectar com o Outro.

PERSPECTIVAS DE UMA ELABORAÇÃO COLETIVA NA CLÍNICA COM TOXICOMANIAS

Fabián Naparstek (Buenos Aires)

Partimos do aforismo de Lacan, e o colocamos em tensão com o tóxico. A partir disso, oito grupos da rede internacional TyA do Campo Freudiano, distribuídos em diferentes lugares do mundo, apresentaram suas elaborações. Fundamentalmente a partir da prática clínica que realizam no dia a dia. O par delírio – tóxico foi apresentado desde diversas perspectivas.

No prólogo, os colegas de Paris afirmam que se alguém delirasse o suficiente, não haveria necessidade do consumo. Eles dão a entender que há, cada vez mais, um consumo ordinário, uma droga para ser normal. Com efeito, se monta o par entre *todo mundo é louco* e um consumo que procura uma droga para ser normal. No trabalho que nos trazem os colegas argentinos – o texto intitulado “Tóxico \diamond delírio” – a oposição se estabelece entre o silêncio da intoxicação e a cadeia significativa que é necessária ao delírio.

Por sua vez, se desprende rapidamente um novo par entre intoxicação e abstinência. Novamente a clínica nos leva a dianteira e mostra a necessidade da prudência até que se diagnostique a função que tem a droga para cada sujeito. Os colegas de Barcelona nos lembram que interromper o consumo pode desencadear um delírio, mas também que o consumo pode provocar o delírio. Nesse sentido, o texto “Abstinências e delírios”, dos colegas da Argentina localiza o valor de uma abstinência sob transferência, onde o caso R. desenvolve um delírio edípico e estabelecem uma diferença com o caso L., no qual o consumo de cocaína supõe a capacidade de “não sentir nem escutar as bruxas”. Nesse último caso, haveria uma abstinência imposta que deixaria o sujeito sem essa capacidade, ao menos até que encontre uma alternativa melhor para não escutar essas vozes. De um lado, uma abstinência que permite uma nova resposta e do outro, uma intoxicação que aparece como um tratamento encontrado pelo próprio sujeito. É o que propõem os colegas de Barcelona, onde o consumo para o sujeito apresentado tinha a função de tratá-lo frente ao “Ai!” constante do corpo. Se desprende assim a necessidade de localizar o uso singular que cada sujeito pode fazer, tanto da intoxicação, como da abstinência. Trata-se da “variável x”, como foi lembrada em várias oportunidades neste colóquio, fazendo alusão ao trabalho de Ernesto Sinatra sobre o conceito de *adixões*¹.

1 Sinatra, E., *Adixiones*, Buenos Aires, Grama, 2020.

Por outro lado, se soma também o par conexão e desconexão com o laço social. Par utilizado pelos colegas do Brasil no texto “Tóxico & delírio: amputar a voz do Salvador ou servir-se dela?”. A droga pode ser aquilo que viabiliza uma conexão com o Outro ou aquilo que desconecta. Vê-se na orientação dos diferentes casos a procura de uma conexão com o Outro e com o próprio corpo que seja suportável para cada sujeito. No texto que acabo de mencionar “a figura do *compositor* poderia ser uma discreta invenção que funciona como enganche ao Outro social”. Os colegas do Brasil que apresentam “Do beber ao bebê - uma ficção sob transferência”, também se perguntam sobre “a possibilidade de tecer uma forma de delírio que reestabeleça um laço social mais compatível com a vida”. Neste sentido, no caso apresentado pelos colegas de Rennes, o sujeito “Matrixado” precisa desligar-se do pensamento, porém, não ficar totalmente solto do Outro. Por sua vez, no caso que apresentam os colegas de Bruxelas o sujeito diz com todas as letras: “quatro anos sóbrio e o social tinha se tornado ainda mais difícil”. Nesse sentido se perguntam se o ideal de ajudar aos demais, sua identificação imaginária ao “bom técnico” poderia funcionar “como um delírio ordinário que o enganche ao Outro” de uma nova maneira.

Quero destacar também o par da prática da intoxicação e algumas práticas sexuais. Em um caso o consumo serve para liberar-se do “mórbido que carrega consigo” (“Tóxico \diamond delírio” - Argentina). Nesse caso, trata-se de um consumo que tenta desprender-se do insuportável do sexual. Mas, também se menciona no argumento e no trabalho dos colegas de Paris o *chem-sex*. Uma prática sexual “sob influência” - se me permitem a expressão - que empurra para o sexual estendido no tempo e tenta burlar a alternância fálica, que sempre supõe uma limitação. Com efeito, se a droga é o que permite a “insubordinação ao sexual”, como afirma J-A. Miller, a época atual empurra a uma prática sexual - sob influência - que pudesse não ter limitações. Uma nova maneira de insubordinação sexual. De fato, a ciência procurou uma pílula para a disfunção sexual da ereção e a primeira surpresa dos laboratórios foi que os jovens a usavam para poder sobrepor a alternância própria do fálico, para poder manter indefinidamente o sexual.

Finalmente me detenho no último parágrafo do texto de Bruxelas no qual o analista afirma, a respeito do caso apresentado, o seguinte: “geralmente, quando tem tendência a perder-se em seus excessos, minhas intervenções apontam a colocar limites a um gozo que transborda. Quando a morte se converte na última saída, escuto sem dar consistência ao que diz e, sobretudo, marco um horário para vê-lo novamente. Às vezes lhe dou conselhos e o incentivo a realizar determinadas gestões administrativas ou esportivas. Confirmando ter recebido suas mensagens escritas e às vezes respondo a elas”. Este parágrafo mostra o analista de orientação lacaniana - que como dizia Lacan, é o mais livre em sua tática - que está totalmente disposto a fazer a intervenção que cada caso e cada momento do tratamento mereça.

Mas este Colóquio TyA mostra também que há uma elaboração coletiva que tenta pensar uma clínica muito precisa, que segue uma estratégia e que tem uma política. Uma elaboração coletiva que começou entre alguns poucos faz muito tempo - mais de 30 anos - com a orientação de Jacques-Alain Miller, que hoje segue de maneira ininterrupta em uma comunidade cada vez mais numerosa e que nestes anos segue atualizando-se. Espero que, dentro de dois anos, o Congresso da AMP em torno do tema “A relação sexual não existe” seja a oportunidade para que o TyA volte a reunir-se em forma presencial para continuar nosso trabalho.

Quero agradecer a cada um dos autores dos trabalhos apresentados, aos colegas da tradução - Tomás Verger, Cately Tato, Jorge Castillo, Tomás Piotto, Fernanda Turbat, Daniela Dinardi, Elisa Alvarenga, Giovanna Quaglia, Maria Wilma Faria, Cláudia Generoso, Cláudia Reis, Marie-Françoise de Munck, Wendy Vives Leiva, Violaine Clément, Pablo Sauce, Cassandra Dias - e também agradecer aos colegas da Comissão organizadora deste evento : Pierre Sidon, Nadine Page, Nelson Feldman, Marie-Françoise de Munck, Éric Taillandier, Gloria Aksman, Giovanna Quaglia, Elisa Alvarenga, Alejandro Góngora, Anne Poumellec, e especialmente o trabalho de Éve Miller-Rose.



TEXTO DE ORIENTAÇÃO

A DROGA DA PALAVRA

Jacques-Alain Miller¹

Gostaria de agradecer àqueles que aceitaram de bom grado responder sem preconceitos ao convite do Campo freudiano e do Departamento de Psicanálise, por intermédio do GRETA². Aos que intervieram, gostaria de dizer como fui sensível à sua presença e ao espírito que presidiu este Colóquio. Ele se caracterizou, a meu ver, por uma motivação comum concernindo a toxicomania. Felizmente, isso fez passar a um segundo plano o espírito de polêmica que frequentemente apaga ou perturba o interesse pela referência clínica. Agradeço também ao público, não apenas numeroso, mas estudioso, que suportou admiravelmente essa Jornada muito densa.

Eu poderia ater-me ao que foi dito nesta Jornada: se digo algumas palavras mais, elas deveriam ser submetidas à discussão, como tudo o que foi dito até agora. Infelizmente, falta-nos tempo para que tal debate aconteça. Talvez encontremos a ocasião de organizar uma nova Jornada, que tomaria como tema o que foi adiantado aqui de maneira às vezes um pouco rápida, e que muitos certamente desejariam discutir.

O falo em questão

É certo que esse momento de encerramento não é de maneira alguma um momento de concluir, que esse encerramento não é uma conclusão, ele é apenas uma suspensão, pois essa Jornada nos deixa em suspenso. O que permite concluir, de uma maneira geral? É sempre uma articulação lógica, e isso vale também para a clínica psicanalítica, na medida em que ela se articula - se é freudiana - às funções de uma categoria que vem indiscutivelmente de Freud - mesmo se ela esperou Lacan para ser formalizada - a saber, o falo. Pois a psicanálise só atinge o sujeito na medida em que ele tem relação com essa categoria, na medida em que ele se inscreve na função fálica, segundo modalidades diversas.

Essa categoria está claramente articulada em Freud, pois ele distingue, à parte do registro do fim sexual, o do problema sexual, quer dizer, o problema da castração, na medida em que concerne um saber, um conhecimento - o termo é de Freud - sobre o sexo. Essa categoria freudiana do falo, aparece ou não quando se trata da realidade da toxicomania? Há aí uma dificuldade. Seu signo é que, comumente, no tratamento do toxicômano, se fala de desmame e não de castração.

¹ Jacques-Alain Miller é psicanalista em Paris, membro da ECF e fundador da AMP.

² Texto publicado com a amável autorização de Jacques-Alain Miller, inicialmente sob o título "Clotûre" na Revista *Analytica*, nº 57, Paris, Navarin, janeiro de 1989, p. 131-138. Este volume, hoje esgotado, agrupa os trabalhos da primeira Jornada organizada pelo GRETA - Grupo de Pesquisas e Estudos sobre a Toxicomania e o Alcoolismo. Este texto foi republicado no Boletim *Accès à la psychanalyse, Addiction*, da Association de la Cause freudienne en Val de Loire - Bretagne, nº 15, setembro de 2023, p. 15-22, edição revista por C. Sandras e D. Botté, com a contribuição de R. Aubé, não relida pelo autor.

Acredita-se poder efetuar essa operação de renúncia à droga pela fala, ou o desmame da – ou das – substâncias tóxicas é a condição, prévia, do tratamento pela palavra? A segunda opção é a que nos foi apresentada por Claude Olievenstein. Do ponto de vista do Campo freudiano, não podemos dizer, com efeito, que o recurso à substância tóxica é precisamente feito para fechar ao sujeito o acesso ao problema sexual?

Um real que insiste

É certo que a toxicomania impõe ao psicanalista a modéstia. E me parece que a maior parte dos psicanalistas que assistiram a essa Jornada vieram aprender com aqueles que, mais regularmente do que eles, se ocupam de toxicômanos. Se Lacan convida os psicanalistas a não recuar diante da psicose, é porque o psicótico é demandante em relação à psicanálise. Mas o toxicômano o é? E se o fosse, não seria antes o analista que recuaria frente à toxicomania? Com efeito, a toxicomania apresenta ao psicanalista um sintoma sobre o qual os efeitos de verdade da fala podem parecer sem pega, um sintoma, portanto, que obriga a dissociar as estruturas de ficção da verdade e um real que resiste ou que insiste.

Resta que a droga dá lugar a uma autêntica experiência para o sujeito, que nós não poderíamos colocar em dúvida, e que produziu seu próprio vocabulário, suas próprias expressões. Ela não é, no entanto, uma experiência de linguagem, mas ao contrário o que permite um curto-circuito sem mediação, uma modificação dos estados de consciência, a percepção de sensações novas, a perturbação de significações vividas do corpo e do mundo. Vimos, aliás, com a exposição de Michel Reynaud, que existe inclusive uma zona de indiferenciação, de recobrimento entre o tóxico e o terapêutico. Ele estudou casos que poderíamos chamar de verdadeiras terapeuticomias, cuja referência poderia bem ser o *pharmakon* analisado por Jacques Derrida, lembrado por Jean Dugarin, que está no centro da obra de Sylvie Le Poulichet.

Essa Jornada juntou o toxicômano e o terapeuta. Ela deu a palavra aos terapeutas, que falam de bom grado, mais que os toxicômanos; ela reuniu homens desse campo, pois são eles que têm direito à palavra, uma vez que são eles que autorizam o Campo freudiano a interessar-se pela toxicomania.

O objeto droga

Mas a partir da experiência analítica, o que podemos dizer sobre a toxicomania? Começamos a vê-lo hoje: os psicanalistas ressaltam que algo faz obstáculo à entrada e à manutenção do toxicômano em análise. Trata-se então de um saber negativo. Como então articulá-lo em algumas questões que poderíamos encontrar a ocasião de retomar?

A primeira dessas questões se refere ao próprio termo de toxicômano. Em que medida é um atributo clinicamente válido do sujeito, se ele é sujeito da palavra? Eu teria formulado essa pergunta, de bom grado, ao Prof. Bergeret: a toxicomania é uma categoria clínica bem formada? Em que sentido? Como ela se articula às estruturas freudianas? Não seria preciso distinguir a toxicomania como categoria clínica e o *objeto droga*, para retomar uma expressão que foi utilizada aqui? O objeto droga na medida em que pode encontrar-se inscrito em diferentes estruturas clínicas, neurose, psicose ou perversão.

Talvez encontre aí seu lugar o dito de Lacan, lembrado por Bernard Lecoeur e Hugo Freda: a droga é o que permite ao sujeito escapar ou romper seu casamento com o pequeno pipi³. Não é uma definição da toxicomania, mas uma tentativa de definição da droga enquanto tal - talvez se deva dar todo o seu valor a essa distinção. Na experiência analítica, coloquemos menos a questão da toxicomania que aquela da droga em sua relação ao sujeito. Por isso, considero que não está estabelecido que a toxicomania possa entrar enquanto tal no Campo freudiano, mas somente sob as espécies – talvez toquemos aí um dos limites da psicanálise – da questão do objeto droga em sua relação ao sujeito.

Um objeto causa de gozo

Desde então, a droga aparece como um objeto que concerne menos ao sujeito da palavra que ao sujeito do gozo, na medida em que ela permite obter, sem passar pelo Outro, um gozo. A experiência toxicomaníaca parece bem feita, com efeito, para justificar o uso que fazem alguns de nós do termo de gozo enquanto distinto daquele de prazer. O prazer é sempre coordenado à noção de uma harmonia, de um certo bom uso, inclusive de uma sabedoria – assim Michel Foucault podia falar do *Uso dos prazeres*⁴. Ora, nós vimos que, mesmo a psiquiatria soviética, da qual nos falou Claudio Ingerflom, encontra, quando ela tenta apreender a toxicomania, o paradoxo desse curioso hedonismo, desse desejo hipertrofiado de ter prazer. Consequentemente, parece-me que a experiência toxicomaníaca justifica que se introduza o termo de gozo para qualificar o que, nesse caso, se situa além do princípio do prazer, o que não está ligado a um temperamento da satisfação, mas, ao contrário, a um excesso, a uma exacerbação da satisfação que conflui com a pulsão de morte.

Assim, a fórmula de Markos Zafiropoulos, “o toxicômano não existe”, certamente se justifica, se designamos assim o fato de que a categoria clínica da toxicomania não está bem formada. Mas, não é menos verdade que com o nome de toxicômano se designa um sujeito que entrou em uma certa relação com a droga, e que consente em se definir cada vez mais, a se simplificar ele mesmo, nessa relação com a droga.

Desde que não neguemos a especificidade dos fenômenos toxicomaníacos, do ponto de vista psicanalítico, não deveríamos dizer que a droga se torna o verdadeiro parceiro, o parceiro essencial, e mesmo exclusivo do sujeito, um parceiro que lhe permite fazer um impasse, em relação ao Outro, e em particular, em relação ao Outro sexual? A partir daí, poderíamos ser tentados a dizer que a droga proporciona ou produz um excedente de gozo, um *mais-de-gozar* impossível de desconhecer, sob sua face de estado dito de falta, de *falta de gozo*. Em consequência, poderíamos também ser tentados a fazer da droga um objeto *a* no sentido de Lacan. Mas estou totalmente de acordo com o Dr. Magoudi para dizer que não se pode, em nenhum caso, fazer da droga uma causa do desejo. No máximo, podemos fazer dela uma causa de gozo, um objeto da demanda mais imperiosa, e que tem em comum com a pulsão que ela anula o Outro – a droga como objeto dá acesso a um gozo que não passa pelo Outro, e em particular pelo corpo do Outro como sexual.

3 Lacan, J. “Encerramento das Jornadas de Cartéis”, *Lettres de l'EFPP* n° 18, abril de 1976, p. 268.

4 Foucault, M. *História da sexualidade*, vol. 2, *O uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2014.

Insubmissão ao serviço sexual

Na experiência analítica, encontramos correntemente o recurso à droga como saída para a angústia, como saída para a angústia frente ao desejo do Outro, a fim de desviar-se dele. Dizer que, com a droga, se trata de um gozo que não passa pelo Outro é um ponto de referência muito frouxo, que seria preciso apreender melhor, começando por opor esse gozo ao gozo homossexual, que mobiliza o corpo de um outro, que passa pelo Outro, com a condição que ele seja o mesmo. É preciso acrescentar que isso só vale para a homossexualidade masculina, aquela que exige que o corpo do outro apresente um traço particular, o de possuir o órgão. Desde então, podemos falar de desmentido da castração como princípio de perversão, mas isso supõe que o problema sexual tenha sido colocado pelo sujeito como tal, e que ele tenha encontrado essa solução. Em primeiro lugar, teríamos então que contrastar o gozo que não passa pelo Outro e o gozo homossexual.

Em segundo lugar, existe um outro tipo de gozo que não passa pelo corpo do outro, mas pelo corpo próprio e que se inscreve então na rubrica do autoerotismo. Digamos que é um gozo cínico, que rejeita o Outro, que recusa que o gozo do corpo próprio seja metaforizado pelo gozo do corpo do Outro – e que permanece, na história, ligado à figura de Diógenes – que opera este curto-circuito realizado no ato da masturbação, assegurando precisamente ao sujeito o seu casamento com o pequeno pipi. Dessa forma, sem dúvida, o cínico contraria a interdição que cai sobre o gozo e que é antes de tudo interdição do gozo autoerótico – ao ponto que se pode dizer que a interdição do incesto como interdição do corpo da mãe não faz mais do que metaforizar a interdição primordial do gozo autoerótico. Mas esse gozo, que passa pelo gozo fálico, é compatível com, e mesmo ocasionalmente exige, a manutenção do outro imaginário no fantasma.

Assim, vemos talvez destacar-se a especificidade do gozo toxicomaniaco, que, com efeito, não passa pelo Outro, nem tampouco pelo gozo fálico. Lacan está, portanto, justificado em caracterizá-lo, antes de tudo, pelo fato de que ele *rompe o casamento com o pequeno pipi*: ele permite não colocar o problema sexual.

Por outro lado, um capítulo deveria ser desenvolvido: “toxicomania e psicose”. Philippe Sopena evocou aqueles que preferiram a toxicomania à psicose. É certo que, na toxicomania, não podemos falar de foraclusão enquanto tal porque na psicose, se há foraclusão da castração, ela retorna no real – em particular na paranoia, ao ponto que Freud tenha podido dizer que o Édipo é demonstrado na paranoia. A toxicomania é menos uma solução para o problema sexual do que a fuga diante do fato de colocar esse problema. Se quiséssemos encontrar uma categoria onde colocar, face à foraclusão na psicose, a toxicomania, poderíamos talvez fazer apelo à insubmissão – a insubmissão, eu diria, já que Hugo Freda falou do serviço militar, ao serviço sexual.

Um mais-de-gozar particular

Dando um passo além daquele que consiste em problematizar a toxicomania a partir da experiência analítica, talvez possamos interrogar-nos sobre o que a toxicomania mesma esclarece sobre o sujeito da fala. Nada, com efeito, objetaria a dizer que aqueles que não são toxicômanos – ou seja, aqueles que não se entregaram duas vezes a essa experiência, como precisa C. Olievenstein – não se *injetem*, não fiquem *chapados* pela palavra. Pois existe um gozo da fala, ao

qual nós estamos ligados – é por isso mesmo que fazemos tantos colóquios. O que chamamos de destituição subjetiva, desde então, seria também o desmame do gozo da fala, e o final da análise, por que não, um “desligamento”. Mas evidentemente, a droga materializa ou substantifica esse gozo que não é um prazer, esse gozo que vale mais que a vida como função vital.

Por outro lado, se na análise temos a ver com um sujeito que joga sua partida em relação a um saber sobre o sexo, e a joga na fala, ao contrário, o que chamamos, talvez abusivamente, o sujeito da toxicomania é um cínico extremo. E compreende-se que a biologia molecular seja tentada a abordar a toxicomania a nível do órgão causa, isto é, do cérebro, fazendo um impasse quanto à relação ao Outro – a toxicomania certamente se presta a isso.

Entretanto, do ponto de vista da experiência analítica, não se pode manter que na droga a posição subjetiva está não obstante implicada? E aí, eu estaria de acordo com o imperativo do Dr. Carpentier, de um retorno à medicina do sentido – todo o problema sendo obter do sujeito que dê sentido, e em particular sentido sexual, à sua dependência. Ora, a toxicomania faz obstáculo a isso, pois na análise, o sujeito espera o objeto do sujeito suposto saber – e é o que estabelece a transferência – quer dizer que o objeto em questão, o mais-de-gozar, se sustenta fundamentalmente na palavra, enquanto na toxicomania, esse mais-de-gozar está aderido a um produto da indústria. No fundo, o analista deveria ser um *dealer* da droga da palavra – essa problemática foi evocada, me parece, pelo Dr. Olievenstein, que talvez me desmentirá.

Desfazer a identificação

Deixemos de lado o fato que na realidade social, existe um Outro da droga, que se paga e a quem se endereça a demanda, pois esse Outro da droga, como lembrava o Prof. Bergeret, não tem de maneira alguma a solução do problema.

O acesso ao gozo da droga para um sujeito não foi sempre traçado pelo que lhe veio da palavra? Em sua origem, a escolha da droga não foi sempre condicionada pelo significante? Para essa pergunta, só há respostas particulares, caso por caso. Parece-me que a exposição realmente sensacional de H. Freda o mostrou, indicando uma saída, que se cruza com a de Marcos Zafiropoulos sobre esse ponto: em todos os casos, a possibilidade da análise passa pelo esforço para desfazer a identificação bruta ao *sou toxicômano*. Consequentemente, do ponto de vista da experiência analítica, tudo o que reforça essa identificação é contraindicado – é preciso que ela possa aparecer para o sujeito, não como necessária, mas contingente.

Não fiz mais do que estabelecer uma lista de questões, que, me parece, poderiam ser retrabalhadas em uma Jornada, por exemplo, dentro de um ano, onde os mesmos, se eles o quiserem, poderiam, em um espírito semelhante, fazer um balanço, depois de transcorrido um certo tempo para compreender.



ESTÉTICA DO CONSUMO

UM DELÍRIO DE DEDUÇÃO

Aurélia Verbecq (TyA-Suíça)

O Senhor S.H. faz uso de tóxicos de forma regular quando ele encontra seu amigo, o Senhor J.W.: tabaco, cocaína, morfina ou heroína, conforme a época. Criado em 1884 por Arthur Conan Doyle, estes personagens de ficção literária, o detetive Sherlock Holmes e o seu parceiro, o Dr. John Watson, serão retomados e desenvolvidos na literatura e no cinema, até as séries de televisão, colocando em cena esta dupla no século XXI. Do Holmes freudiano da literatura ao Holmes lacaniano das profundezas das séries televisivas, o personagem e seus avatares contemporâneos nos ensinam algo sobre a junção ou disjunção entre delírio e tóxico.

Retrato de um homem moderno

Desde o primeiro Holmes da literatura do final do século XIX, as adaptações literárias e cinematográficas do século 20 e as duas séries de televisão (britânica e americana) do século XXI deixam ver um personagem contemporâneo à sua época. Por que um tal entusiasmo: será por que delírio e tóxico - amor à verdade e fascinação por um tóxico em sua vertente *pharmakon* - permitiriam a cada um reconhecer aí um ponto íntimo?

No final do século XIX, Conan Doyle criou um personagem que se estimula com o recurso a diversos tóxicos, tabaco, cocaína e mesmo morfina como estimulante intelectual, em pequenas doses, tal como Freud no estudo *Da coca* em 1884. A prática detalhada nas obras deve ser lida no contexto de uma Londres do século XIX, tomada no mercado capitalista mundial da droga, antes da mudança de política e de moral do século XX. As adaptações cinematográficas fazem evoluir essa relação aos tóxicos, à imagem da sociedade. Os filmes e séries do século XXI mostram um personagem mais em relação com seu objeto de gozo, evidenciando nas telas o consumo. A série inglesa "Sherlock"¹ desenvolve um Holmes tomado em consumos detalhados de cocaína, com efeitos visuais reproduzindo alucinações sob o uso da substância. A última série americana "Elementary"² mostra, por sua vez, um Holmes ex-heroinômano, saindo de um tratamento de abstinência e fazendo do Dr. Watson a sua "fada madrinha". Com a democratização da droga, o tóxico muda conforme a época e dá a ler um gozo tomado no mercado único dos prazeres.

O tóxico na ruptura do delírio

Em todos os quadros, o uso do tóxico pelo personagem parece permanecer o mesmo. Monotonia, banalidades da existência das quais é preciso escapar, o tédio como ponto insuportável é

1 Série britânica "Sherlock" criada por M.Gatiss e S.Moffat, BBC One, 2010.

2 Série americana "Elementary" criada por R.Doherty, CBS, 2012.

um traço que permanecerá constante. Substâncias tóxicas ajudam o personagem em momentos de rompimento e tédio, etimologicamente referidos ao vazio, quando ele não está ocupado com seu trabalho e o enigma que o acompanha.

S. Holmes é apaixonado pelo enigma de uma situação e pelo trabalho de dedução que ele necessita colocar em cena. Amante do raciocínio e da verdade, seu método é “baseado na observação de pequenos nada”. Elevado a uma arte por Holmes, deduzir é o ato de levar o espírito à razão, que permite extrair de uma suposição aceita como verdade, a consequência lógica que ela contém³.

Se tomarmos o delírio, seguindo Freud, como uma tentativa de cura, o que Lacan generalizou para o ser falante com o aforismo “todo mundo é louco, ou seja, delirante”⁴, este delírio faz-se escutar como discurso articulado, onde o sentido se constrói a partir de elementos ínfimos, em torno dos quais se tece um texto. O saber quer ser o que é próprio ao delírio pela busca de sentido permanente que possa revestir o furo central, signo da ex-sistência de um real. Essa arte da dedução deve ser tomada como equivalente à estrutura do delírio, na medida em que o delírio é um saber, um S_2 , que virá fixar a significação e fazer interpretação de um S_1 enigmático à espera de significação, que, em retorno, poderá encontrar seu sentido.

A lógica do personagem nos dá a ver esse mecanismo no qual o consumo é capturado em um vazio *troumático*. A toxicomania é, então, uma formação de ruptura - vertente social do sintoma - que corta o sujeito do mundo exterior e é compensada pelo delírio do trabalho de dedução - em um segundo tempo - como discurso articulado, reintroduzindo a função do Outro.

Adicto à dedução

No contexto da despatologização de “todo mundo delira”, aplicar isso à toxicomania parece pertinente. “Delírio ou tóxico”, a ler sob a perspectiva do “ou” inclusivo e da lógica dos conjuntos da matemática moderna, coloca em continuidade o delírio e o tóxico, que em parte se recobrem e tornam a passagem de um para o outro menos delimitada.

Neste Holmes, a função do tóxico é multiplicada, pode colocar em movimento, favorecer laços, alimentar a matéria imaginária do delírio. A união entre delírio e tóxico parece fixar algo por um tempo, ali onde ser tomado por inteiro, seja no tóxico, seja no delírio, prova ser deletério. Esse personagem do século XXI se apoia e alterna regularmente entre uma identificação ao toxímano e uma identificação ao detetive, uma não sem a outra, necessárias em uma época mais líquida. A ênfase em uma identificação marca imaginariamente o personagem, quando a outra identificação não se sustenta mais e leva a um impasse.

Éric Marty define nossa época como a modernidade, onde o que importa é menos a lei do que a norma, as referências sendo localizadas segundo uma escala de normalidade em voga conforme as sociedades. Assim, as patologias do excesso justificam essas novas modalidades de

3 Fonte: CNRTL.

4 Lacan, J., Transferência para Saint Denis. Lacan a favor de Vincennes (1978), *Correio da Escola Brasileira de Psicanálise* n. 65. Rio de Janeiro: 2010, p. 31. Reeditado no *Scilicet Todo mundo é louco*. São Paulo, EBP, 2024, p. 29-30.

toxicomanias e adicções e são um apoio para o novo discurso contemporâneo: “todos adictos”. Diríamos que S. Holmes seria mais “adicto” hoje em dia? Certamente adicto ao objeto droga, mas também adicto ao enigma, ao trabalho, à dedução. Talvez haja neste ponto um fascínio pela figura de Holmes, revelando o “goza!” contemporâneo ao qual cada um pode se identificar.

O gozo ilimitado, tanto do lado do tóxico quanto do lado do saber delirante em busca da verdade, se volta contra o sujeito da era capitalista, onde o “cada-vez-mais” acaba tornando-se um impasse. Aqui, a toxicomania e o delírio de dedução, numa ligação contínua, devem ser lidos como novos modos de gozo, no encontro reiterado com o real, onde a verdade última só pode ser a da morte.



EM DIREÇÃO AO CONGRESSO DA AMP 2026 –
A RUPTURA COM O FALO

EM DIREÇÃO AO CONGRESSO DA AMP 2026 – A RUPTURA COM O FALO

O próximo Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), cujo tema é o aforismo de Lacan “Não há relação sexual”, é uma ocasião para colocar a trabalho a relação do sujeito com o falo, “obstáculo”¹, segundo Lacan, à relação entre os sexos. A partir daí, interessa novamente à rede Toxicomania e Alcoolismo (TyA) do Campo freudiano interrogar a proposição de Lacan segundo a qual a droga “permite romper o casamento com o *pequeno pipi*”.²

Uma das primeiras leituras que elucidam esta passagem é aquela proposta realizada por Éric Laurent em 1988: trata-se de uma ruptura com o gozo fálico. No entanto, ele se pergunta: isso escreve-se φ_0 ou Φ_0 ? As Conversações em Arcachon, Antibes e Angers³ ainda não tinham ocorrido. É um “novo modo de gozo ou um buraco de gozo”? O autor, vários anos depois, proporá um contraponto instigante: tratar-se-ia de cortar o laço com o pau, em alusão, parece, ao órgão. A distinção conceitual que Lacan faz entre o gozo fálico e o gozo peniano, contemporânea à tese de ruptura, parece crucial para nossa investigação.

Fabián Naporstek mostra que a inscrição do falo é o que faz do órgão um instrumento. O uso da droga pode colocar o órgão em função, na falta de um efeito da palavra, mas pode também, ao contrário, fazer apelo à *insubmissão ao serviço sexual*⁴, como propõe Jacques-Alain Miller. Como pensar, desde então, a relação da toxicomania à psicose, onde a ruptura com o falo é estrutural?

A tese de ruptura convida então a pesquisar como o toxicômano faz uso do tóxico onde o órgão não se tornou instrumento, para responder às vicissitudes do encontro sexual. Como pergunta Jésus Santiago, a utilização do tóxico permitiria tratar um gozo do sentido que gravita em torno do órgão, quando há um furo na significação fálica?

1 Lacan, J. *O Seminário*, livro 18, *De um discurso que não fosse semblante* (1971). Texto estabelecido por J.-A. Miller. Rio de Janeiro; Zahar, 2009, p. 62.

2 Lacan J., « Clôture des Journées d'étude des cartels de l'École freudienne. 13 avril 1975 », *Lettre de l'École freudienne*, 1976, n° 18, p. 268. Publicada em português em *Pharmakon Digital* n. 2.

3 Conversações ocorridas na França em 1996, 1997 e 1998. A conversação de Arcachon foi publicada no volume Miller, J.-A. *Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica*. São Paulo, Biblioteca freudiana brasileira, 1998. A convenção de Antibes foi publicada em português no volume Miller, J.-A. e outros. *A psicose ordinária*. Belo Horizonte, Scriptum, 2012.

4 Cf. Miller, J.-A. “A droga da palavra”, *supra*.

A tese de ruptura permitiria uma elucidação do sintagma “não há relação sexual”? A hipótese de J.-M. Josson consiste em dizer que a droga permite romper com o efeito do afeto produzido pelo significante ao percutir o corpo. Tratar-se-ia então de uma tentativa de tratamento do gozo deslocalizado no corpo, que não se limita ao órgão?

Uma seleção de extratos de textos e algumas referências bibliográficas são propostas aqui.

Boa leitura!

Tomás Verger

Éric Laurent, “Três observações sobre a toxicomania”, (extratos)

“Em seu ensino, não se pode dizer que Lacan tenha considerado que a psicanálise tenha muito a dizer sobre a droga, porque no fundo, percorrendo-o do início ao fim, encontramos apenas algumas frases. Mas ele nos dá de algum modo, nos anos 70, esta indicação maior: “a droga, única forma de romper o matrimônio do corpo com o pequeno-pipi”⁵; digamos: com o gozo fálico. É uma indicação preciosa. Além disso, ela suporta, creio, toda uma reflexão que muitas pessoas que se ocupam de toxicômanos fizeram, a de considerar que a toxicomania não é um sintoma no sentido freudiano e que a toxicomania não é consistente. Nada na droga nos introduz a outra coisa que não seja um modo de ruptura com o gozo fálico. Não é uma formação de compromisso, mas uma formação de ruptura. Nos deparamos com o problema de como escrever a ruptura com este gozo fálico: escreveremos φ_0 ou Φ_0 ⁶? Como vamos determinar, diferencialmente, se se trata de um novo modo de gozo, ou de um furo de gozo?

Efetivamente, esta expressão “ruptura com o gozo fálico”⁷, Lacan a introduz também para a psicose – onde ele anota Φ_0 , como consequência⁸ da ruptura, ruptura da identificação paterna, dizia Freud, e para Lacan, da função dos Nomes-do-Pai, que ele escreve P_0 . No lugar de os Nomes-do-Pai produzirem a significação fálica do que é dito, temos na psicose esta dupla de termos: P_0 e Φ_0 , sobre os quais Lacan se pergunta, em um dado momento se um não implicaria necessariamente o outro, ou se pode haver um sem o outro⁹.

5 Intervenção de Jacques Lacan na sessão de Encerramento das Jornadas de Estudos de Cartéis, de abril de 1975, na École Freudienne de Paris, publicada em *Lettres de l'École Freudienne*, 1976, n.18, p. 263-270. Versão em português publicada em *Pharmakon Digital* n. 2, nov. 2016: <http://pharmakondigital.com/encerramento-das-jornadas-de-estudos-de-carteis-da-escola-freudiana/>

6 A notação encontra-se no esquema I desenvolvido por Lacan em “De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose” (1958), in *Escritos*, Rio de Janeiro, Zahar, 1998, p. 578.

7 A noção de gozo fálico aparece no ensino de Lacan a partir da primeira lição do seu Seminário *Mais, Ainda*. Entretanto, uma menção precedente se localiza na sétima lição de ... *ou pior*.

8 Desde a primeira reunião concernente ao seminário de pesquisa sobre a clínica diferencial das psicoses do D.E.A. (Paris VIII - 1987), J.-A. Miller lança esta interrogação.

9 “Terá esse outro abismo sido formado pelo simples efeito, no imaginário, do vão apelo feito no simbólico à metáfora paterna? Ou deveremos concebê-lo como produzido num segundo grau pela elisão do falo, que o sujeito reduziria, para resolvê-la, à hiância mortífera do estádio do espelho?” “De uma questão preliminar...”, *op. cit.* p. 577.

Para a psicose, não sei. Mas, seguramente, a utilização de tóxicos leva a pensar que pode haver produção desta ruptura com o gozo fálico, sem que haja, no entanto, forclusão do Nome-do-Pai. Esta é a consequência da tese, sustentada até o extremo, de que o toxicômano não existe, ou que a toxicomania não é um sintoma.

A tese de Lacan a propósito da toxicomania é, pois, uma tese de ruptura. Sua breve observação, nesse sentido, por mais breve que ela seja, é, no entanto, uma tese que engaja forçosamente toda sua teoria do gozo, assim como a do lugar do pai e o futuro do Nome-do-Pai em nossa civilização.”

“A primeira consequência, então, da pequena frase de Lacan, é a ruptura com os Nomes-do-Pai fora da psicose. A segunda consequência que se pode extrair é de uma ruptura com as particularidades do fantasma. Ruptura com isso que o fantasma supõe o objeto de gozo na medida em que ele inclui a castração. É por isso que podemos sustentar com muita segurança que o toxicômano não é um perverso. Não é um perverso porque a perversão supõe o uso do fantasma. Ela supõe um uso muito específico do fantasma. Enquanto a toxicomania é um uso do gozo fora do fantasma: ela não toma os caminhos complicados do fantasma. É um curto circuito. A ruptura com o “pequeno-pipi”, como diz Lacan, tem como consequência que se possa gozar sem o fantasma.”

“Parece-me que podemos abordar a toxicomania como o surgimento, em nosso mundo, de um gozo Uno. Enquanto tal, não sexual. O gozo sexual não é Uno, está profundamente fraturado, só é apreensível pela fragmentação do corpo.”

*Texto integral publicado em *Quarto* n. 42. Bruxelles, déc. 1990, p. 69-72. Publicado em português na *Pharmakon Digital* n. 3.

Éric Laurent, “Um modelo digno para as instituições que queremos” (extratos)

“Rosa Elena Manzetti em *Pharmakon* apresenta o caso de um sujeito que usava drogas para manter-se acordado enquanto duas prostitutas faziam amor na sua frente. Enquanto olhava com fascinação, tentava ver uma mulher que gozava e insistia em obter este gozo suplementar do olhar, ver o que não pode ser visto. Então, ele ficava fora do jogo, e com a cocaína se mantinha em um nível de excitação que lhe permitia ir além e ao mesmo tempo separar-se do gozo fálico, ou seja, não querer entrar no jogo e ao mesmo tempo permanecer fascinado por esse gozo feminino que se impunha. O que se verificava é que o que este sujeito queria ver era o que lhe havia sido imposto como experiência na infância: constatar a ausência do pênis na mãe. E assim é interessante ver que essas cenas não eram feitas apenas com mulheres, mas que ele tentou conseguir especificamente dois travestis que, em jogos eróticos, deveriam ficar de calcinha, até que, no último momento, se verificava a presença do pênis. Vemos aqui que o travesti é apresentado como a encarnação da mulher fálica.

Neste caso apresentado por R. E. Manzetti percebem-se os dois registros: primeiro a neutralização, é o Φ_0 como neutralização fálica. Porém, ao mesmo tempo, há fascinação pela exibição

do falo materno. E um não impede o outro – neste caso é interessante a dialética com a qual se articulam as coisas.”

“Em segundo lugar, então, o que a toxicomania nos ensina - isto se comprova no caso apresentado por Manzetti¹⁰ - é o laço fundamental que há entre todas essas substâncias tóxicas e a fascinação do homem pelo gozo feminino.

A antiguidade tinha como máxima que Vênus e Baco andam juntos, que a embriaguez do vinho tinha que acabar na cama.

A não-sabedoria moderna faz precisamente o contrário, rompe com o gozo fálico, porém, reforça (o que não há que esquecer no caso de Manzetti é a fascinação do homem pelo travesti que parece confirmar esta perspectiva) a sujeição do homem moderno ao superego, que não é um superego materno senão o superego do gozo feminino.

O homem e a mulher moderna encontram-se confrontados com o que Lacan escreve no “Aturdito”: essa reformulação do enigma proposto a Édipo que Lacan formula a partir do gozo feminino, da Esfinge como encarnação do gozo feminino. Não é uma pergunta sobre o homem, senão uma pergunta sobre se o homenzinho à sua frente estará à altura da satisfação feminina; e é a razão pela qual em “O Aturdito” Lacan inicia seu exórdio pela Esfinge que fala e que diz: “você me satisfaz homenzinho”¹¹ (isso permite a leitura do assunto).

Há uma fascinação, sempre houve, do homem pelo gozo feminino. Está claro que os antropólogos às vezes acham que o homem aprendeu a contar com os dedos de sua mão: um, dois, três, quatro, cinco. Parece-me uma ideia de filósofo, acredito que se o homem aprendeu a contar, temos um vestígio de que em muitos sistemas de numeração o que há é: um, dois, três...infinito. Um, dois, três e muito mais, uma categoria do “muito mais”.

“Isto, me parece, vai ao encontro da ideia de que os homens com gozo fálico começaram a saber que há uma, duas, três vezes na noite e depois é muito, pode estar mais próximo da modalidade com que se aprendeu a contar...

Passar do Um, como contável, ao gozo que parecia fascinante da Deusa branca¹², não como encarnação da mãe, mas de “A mulher”¹³, é isso que me parece explicar a figura de Deus como encarnação do gozo feminino - como enfatiza Lacan. Nestes vestígios das deusas do Mediterrâneo, a figura feminina se encarna em Diana de Éfeso como representante da antiguidade romana. É a encarnação do Deus contra o qual Moisés soube estabelecer um limite e dá a ideia da introdução do ponto a partir do qual não se pode contar mais.

10 Manzetti, R. E., Bertuzzi, E., Bolgiani, P., Careto, S. La Greca, A., Morrone, S. “Sobre la toxicomanía: penalizar o despenalizar”, in *Del hacer al decir*, op. cit., p. 41.

11 Lacan, J. “O aturdito” (1972), *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003. p. 469: “Tu me satisfizeste, thomenzinho [*peti-thomme*]. Compreendeste, e isso é o que era preciso. Vai, de aturdito não há tanto que não te volte depois de meio-di(t)a [*l’après midi*]. Graças à mão que te responderá, por a chamares de Antígona, a mesma que pode dilacerar-te, por disso eu esfinja meu *nãotoda*, saberás ao anoitecer igualar-te a Tirésias e, como ele, por teres bancado o Outro, adivinhar o que eu te disse.”

12 Lacan, J., “Prefácio a O despertar da primavera” (1974), *Outros Escritos*, op. cit., p. 559.

13 Lacan, J. “O aturdito”, op. cit., p. 464.

É a fascinação pelo infinito, pelo superego feminino na situação do homem moderno, o homem dos direitos humanos - que não tem mais figuras heroicas com a quais identificar-se - o que reforça a incidência deste superego e o sonho de um tipo de transexualismo do gozo¹⁴ que se poderia obter com o gozo das drogas.

Nesse sentido encontramos outra significação do rompimento com o falo¹⁵ que poderia orientar-nos neste caminho: tentar identificar-nos a este gozo superegórico, seja pelo lado homem, seja pelo lado mulher.”

* Texto integral publicado em espanhol em *Del hacer al decir. La clínica de la toxicomanía y el alcoholismo*. II Jornada del Instituto del Campo Freudiano. Buenos Aires, Plural editores, 1996, p. 61-80.

Éric Laurent, “O lugar dos homens na cidade das mulheres” (extratos)

“A figura do machista gozador à la Trump é uma espécie de pantomima do que seria o sem limite do gozo feminino, como o do viciado que quer libertar-se, pelo ilimitado da droga, da queda fálica. O desafio da articulação dos dois gozos, o gozo fálico e o seu além, é situar o que faz com que, qualquer que seja a igualdade de direitos, uma mulher permaneça sempre radicalmente Outra para um homem. E é então que ela pode ser sintoma e não um superego infernal e mortífero. O gozo na cidade das mulheres, onde os homens têm seu lugar segundo Lacan, não é um hedonismo. Ele se separa entre o que é o gozo além do limite fálico, aquele que, além da castração, o homem imagina; e o ilimitado que se civiliza por sua inscrição no lado feminino da sexualidade. Não há cifragem para isso, seja qual for a forma do Um considerado. O declínio das ideologias, das grandes narrativas daquilo que fazia o universal do bem comum sob a forma de um ideal partilhado, traz à tona uma concorrência entre gozos múltiplos que não podem ser resolvidos na unidade.”

“É a invenção. A experiência trans consiste em inventar o órgão que daria conta do que seria necessário ao corpo e que permitiria livrar-se do obstáculo fálico. Lacan diz muito bem: o falo é o que impede que se goze do corpo do outro. Bem, perfeito, vamos cortá-lo e inventar o órgão que precisamos. É um processo absolutamente fantástico que coloca em jogo todo o saber da ciência – tudo o que sabemos fazer com os hormônios, a cirurgia plástica – para uma invenção do saber. É um processo sem fim, porque o órgão que seria necessário não se encontra; então, é preciso continuar a inventar.”

*Texto extraído da Conferência realizada por ocasião da Semana Lacan « Hommes et femmes selon Lacan », 13-18 maio 2019, ACF-VLB, disponível no YouTube.

14 Faz alusão a “De uma questão preliminar...”, precisamente, no esquema I, *op. cit.*, p. 578.

15 Lacan, J. Encerramento das Jornadas de Estudos de Cartéis da Escola Freudiana, *op. cit.*: “Não há nenhuma outra definição da droga senão esta: é o que permite romper o casamento com o pequeno pipi”.

Éric Laurent, “Retrato de Joyce como Santo homem” (extratos)

“Graças à sua relação com seu inconsciente, Joyce não é um santo, ele tem orgulho de sua arte. Ele tem “orgulharte”, e Lacan acrescenta “até se encharcar (*jusqu’à plus soif* ¹⁶N.T)”, primeira observação em que se inscreve a relação com o tóxico, com o álcool, que contribuirá bastante, juntamente com a sífilis, para a degradação da saúde de Joyce¹⁷. Seu irmão Stanislaus atribuía a comas etílicos o agravamento dos problemas oftalmológicos de Joyce¹⁸. Iniciadas em Dublin após a morte da mãe¹⁹, as alcoolizações pesadas se multiplicaram²⁰ depois de ele se tornar pai, em Trieste, e escandirão sua vida em Zurique e Paris até a perfuração da úlcera duodenal.”

*Texto integral publicado em *Mental*, Revue de l’Eurofédération de psychanalyse, n. 35. Paris, 2016, p. 62-73. Republicado em Laurent, E. *O avesso da biopolítica*. Rio de Janeiro, Contracapa, 2016, p. 140.

Éric Laurent, Conversa sobre “Reflexões sobre três questões do feminismo com a não-relação sexual” (extrato)

“Eu não diria que há dois sexos ou dois gozos, mas sim me referiria à Unariedade. Há o gozo do órgão e há o gozo feminino. Há um gozo como tal, há um gozo sexual. A multiplicação das experiências LGBT o evidenciam. É uma experimentação de como se declina a oposição entre o gozo do órgão e o gozo (sexual) como tal. Ou seja, por exemplo, o uso na comunidade gay do masoquismo para ir além do obstáculo do órgão, é uma experimentação. Desde os anos 70 quando no Castro, no bairro gay de São Francisco, nas primeiras Gay Pride foi introduzido o *fist-fucking* nas relações sexuais, tratava-se de um masoquismo assim determinado, uma técnica sexual para questionar os limites do órgão. Da mesma forma, o uso de drogas, calculado ou não, sempre foi um dos aportes do movimento gay, o uso do *popper* - sistematicamente -, nas relações sexuais, diferente como efeito do que produz a cocaína. O uso do *popper* que era também como dizia Lacan, uma forma de cortar o laço com o pau, as drogas permitem, quando usadas, ir além. É uma maneira de experimentar como a partir do fato, se coloca o acento em ter um pau como algo que determina uma comunidade e este como instrumento de gozo, como fizeram as comunidades gay. Isso, ao mesmo tempo, conta toda uma série de experimentações sobre como ir além e como se experimenta.”

*Conferência integral sobre “Reflexiones sobre tres cuestiones del feminismo con la no relación sexual », disponível em espanhol em Radio Lacan, 4 dezembro de 2019. <https://radiolacan.com/es/podcast/conferencia-en-el-palais-rouge-de-buenos-aires-reflexiones-sobre-tres-cuestiones-del-feminismo-con-la-no-relacion-sexual/3>

16 N.T Em francês, literalmente: “até não ter mais sede”. Infelizmente na tradução para o português perde-se a referência à sede.

17 Cf. Birmingham K., *The Most Dangerous Book. The Battle for James Joyce's Ulysses*, London, Penguin Book, 2015, p.290-291.

18 *Ibid.*, p.49.

19 *Ibid.*, p.25.

20 *Ibid.*, p.149.

Jean-Marc Josson, “Romper o efeito do afeto” (extratos)

“O homem em questão começa a consumir na prisão para suportar, diz ele, intimidações, ameaças e a violência. No entanto, durante a sua estadia em uma instituição, acontece que além destas, é objeto da má intenção do Outro, cuja fórmula singular ele apresenta: estão tentando se livrar dele. Seu consumo lhe permitiria tamponar essa interpretação, que é para ele uma certeza.”

“O consumo deste homem é uma tentativa de tratar, não sua certeza, mas o efeito que essa certeza produz em seu corpo. É uma tentativa de tratar o *afeto*.”

“O afeto tem sua origem no pensamento, não no corpo ou na alma. (...) O afeto vem do pensamento e vai para o corpo; vem do pensamento, de onde “descarrega” - fórmula que evidencia que o afeto é uma “expressão” da pulsão, e vai para o corpo, onde ele perturba as funções, onde causa disfuncionamentos,. Essas perturbações impedem todo equilíbrio, toda homeostase: “Nenhuma harmonia do ser no mundo...”²¹, acrescenta Lacan.”

“O afeto - e sublinho esta definição - é um efeito. (...) Este efeito afeta o corpo, impacta-o, marca-o.”

“O afeto é o efeito das palavras (...) o afeto faz do sujeito do inconsciente um ser falante, ou seja, um sujeito do inconsciente dotado de um corpo, um “corpo falante”, como o chama Jacques-Alain Miller, um corpo com que fala e é afetado pela palavra.”

“O afeto é, portanto, o efeito de um significante no corpo.”

“É - retomo minha hipótese de partida - o que tenta tratar o consumo. Ele visa anestesiá-lo ou reduzir o efeito do afeto no corpo que produz incessantemente o significante que se reitera. O consumo de drogas ou álcool se transforma em toxicomania ou alcoolismo quando - esta é a minha segunda hipótese - ele mesmo é contaminado pela reiteração que opera no acontecimento do corpo. É então que, tomado por esta reiteração, o consumo se relança.”

“A moral do pequeno Hans é, por um lado, que o menino e a menina estão casados com seu rabo, e por outro lado, que este casamento é uma fonte de angústia. A angústia surge quando um e outro percebem esse casamento: é o momento da descoberta do pequeno pipi. As coisas ficam ainda mais complicadas quando o pênis é inflado – “não há nada melhor com que fazer falo”²² -, ou seja, quando se mede o lugar do pequeno sujeito no desejo do Outro. É aqui que as palavras, como as da mãe de Hans, ferem e devastam. Romper o casamento com o pequeno pipi é romper o efeito do afeto desse casamento. É isso que a droga permite, e continua a causar seu sucesso.”

*Texto integral publicado em *Les Cahiers de l'ASREEP* n. 2. *Les addictions sans substances*. Genève, 2018, p. 53-58.

21 Lacan, J., “Televisão”, *Outros Escritos*, *op. cit.*, p. 522.

22 Lacan, J., “Encerramento das Jornadas de Estudos de Cartéis da Escola Freudiana”, *op. cit.*

Jean-Marc Josson, “Um possível laço” (extratos)

“O consumo de drogas ou álcool é uma tentativa de tratar essas dificuldades, essas impossibilidades do vínculo com o outro e com o mundo. Este consumo pode ter duas funções: romper ou ligar.”

“A droga permite romper o efeito do afeto que produzem as consequências da não-separação. É a famosa definição que Lacan dá sobre a droga na última parte de seu ensino, iluminada por sua concepção do afeto própria do mesmo período.”

“O consumo de drogas também permite ligar, conectar com o outro, com o mundo, com a realidade ou com a vida. Então, permite compensar a dimensão do desejo.”

*Texto integral publicado em *Quarto 118. Lire Lacan*. Bruxelles, 2018, p. 114-120.

Jésus Santiago, “A droga de W. Burroughs: um curto-circuito na função sexual” (extratos)

“O que se designa como artefato da droga não é, portanto, um sucedâneo do objeto sexual substitutivo, porque lhe falta a inscrição do registro fálico. Esse modo preciso de operar um curto-circuito na função sexual equivale à dificuldade do toxicômano em suportar as coações relacionais impostas pelo parceiro sexual.”

“A técnica de ruptura, de separação do toxicômano, nesse ponto preciso do encontro com um parceiro, revela seu impasse com aquilo que lhe foi transmitido da lei fálica, o que, por sua vez, acarreta lhe deixar a função desejo fora de seu alcance. Resta-lhe, então, a técnica da droga como resposta. Resta-lhe, enfim, essa estratégia que me leva a conceber a toxicomania como um caso exemplar da profusão, na civilização da ciência, de um curto-circuito próprio das soluções não fálicas de separação entre o corpo e o gozo.”

*Texto integral publicado em *Quarto 79. Paradis toxiques*. Bruxelles, juin 2003, p. 52-54.

Jésus Santiago, “Droga, ruptura fálica e psicose ordinária” (extratos)

“Esse caráter artificial de fabricação da satisfação, de estilo monótono, obtido no circuito fechado do corpo e da droga – satisfação que traz nela própria a recusa dos semblantes do Outro – remetem à concepção da toxicomania como um tipo clínico que se define pela ruptura da função fálica. Essa recusa dos semblantes do Outro que se traduz pela ruptura fálica é o que permite a J.-A. Miller postular a toxicomania no horizonte do gozo cínico. Por isso, é preciso estabelecer uma distinção essencial entre o autismo do gozo no cinismo antigo, próprio da masturbação pública e o gozo do toxicômano, próprio à satisfação tóxica. Se coincidem no modo de inclusão do Outro, se convergem no rechaço dos semblantes da civilização, ambos divergem, contudo, no tocante ao gozo fálico.

O cínico antigo conforma-se com o gozo autoerótico masturbatório e com o valor fálico que se deduz dessa estratégia em obter alguma sintonia entre o gozo e o corpo. Nessa busca compulsiva de uma satisfação artificial e fabricada, o toxicômano dá sinais de que há falhas no dispositivo fálico que favorece o funcionamento possível do gozo necessário ao ser falante. Sob esse ponto de vista, ele não se confunde com o modo de gozo do cínico antigo, já que reage de modo distinto ao casamento que o ser falante é levado a fazer com o falo. O toxicômano é justamente aquele que não consente com o casamento com o gozo fálico e, portanto, não o concebe como uma saída viável, porque sua fixação reside no real do gozo que se extrai de sua relação com o órgão peniano. Para o cínico, ao contrário, não importa se o gozo fálico não convém à relação sexual, pois, ainda assim, ele se mostra apegado ao autismo do gozo. O toxicômano, por sua vez, é um contestador do falo e do gozo que se depreende dele ou, ainda, do gozo de que o ser falante necessita. Chama a atenção o modo como o toxicômano com o seu gozo a sós com a droga, se insurge contra esse necessário gozo fálico que, segundo Lacan, apesar de ser um “gozo que não convém – *non decet* – à relação sexual, não há outro, se houvesse outro”²³.

“O alcance clínico da visão lacaniana da toxicomania implica considerar a droga um objeto que busca suprir falhas da função fálica, tendo-se em vista seu papel de viabilizar um gozo que mantenha alguma afinidade com a palavra. De outro modo, a presença insistente e compulsiva da droga denota o impasse do sujeito com relação ao gozo que convém, o gozo pulsional que, sob o efeito da incidência da castração, encontra seus objetos, que se constituem Ersatz, pois velam e, ao mesmo tempo, desvelam a castração. O essencial da definição da droga, promovida por Lacan em 1975, é a tese de que sua prática metódica exprime as dificuldades que o toxicômano encontra em ser fiel ao casamento, que todo ser falante contrai, um dia, com o parceiro-falo.

(...)

No fundo, o que se depreende como específico ao ato toxicomaniaco é a ruptura fundamental com o gozo decorrente dessa parceria, necessária para todo sujeito, pois é ela que fomenta o mais-gozar que convém. Observa-se, assim, que essa definição se estrutura com base na consideração de que o casamento do ser falante com o falo, ou, mesmo, o gozo que dele resulta, é rechaçado em nome de sua forte ligação com o gozo de sentido que incide sobre o órgão peniano.

Na clínica, para se manusear tal definição, impõe-se avaliar o medicamento como um fator de separação do casamento com o pênis e não, com o falo. Em outras palavras, o toxicômano é um sujeito que permanece casado com o gozo de sentido que gravita em torno do órgão, em razão de ele não ter contraído um laço possível com o falo. É preciso, pois, não confundir o falo com o órgão peniano, bem como, mais ainda, com qualquer representação imaginária ou ideia de que é, naturalmente, um privilégio masculino. Como função, o falo é um operador, um significante do gozo, que se situa fora do corpo. O paradoxo é que esse operador localizado fora do corpo está destinado a designar, pelo menos parcialmente, os efeitos do gozo sobre o corpo. Trata-se de um significante assemântico, que não significa nada e apenas como encarnação do nada pode operar favoravelmente no momento da iniciação sexual, oportunidade em que o sujeito se depara com o mistério do Outro sexo.

23 LACAN, J. O Seminário, livro 20, *Mais ainda*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982, p. 81-83.

Em comentário a “O despertar da primavera”, Lacan propõe que a iniciação sexual é mais favorável à vida, quando, levantado o véu, no momento em que o adolescente é confrontado com a construção do parceiro sexual, revela-se esse nada inerente ao falo. Concebe-se assim esse nada como a contrapartida do que irrompe, na adolescência, como índice da viabilização do gozo fálico, que se articula com o saber, com a palavra. Se o toxicômano é marcado pela ruptura fálica que se exprime na sua dificuldade em lidar com o gozo do corpo, isso decorre do fato de que, em função de seu apego ao gozo do sentido em torno do faz-xixi [Wiwimacher], esse nada não tem lugar. A ruptura fálica equivale, assim, ao excesso de sentido que se produz no momento do encontro com o Outro sexo, um excesso perturbador da iniciação sexual, que obstrui quando deveria se apresentar enigmático e sem sentido no gozo sexual.

Assinale-se, ainda, que a clínica da ruptura fálica presente nos fenômenos decorrentes do uso toxicomaniaco da droga não se deduz diretamente da forclusão do Nome-do-Pai, mesmo porque, caso assim fosse, se poderia estar diante de fenômenos típicos das psicoses, a saber, o delírio e a alucinação. Pode-se dizer que a ruptura fálica emana da própria lógica da elisão do falo no funcionamento do gozo e que, por razões concernentes ao impacto contingente do significante no corpo, é vedado ao sujeito o gozo que convém à inexistência da relação sexual. A tese da ruptura fálica como fator dominante nas toxicomanias exemplifica uma inversão na ordem dos fatores característica da atualidade clínica – ou seja, não se pensa mais o furo na significação fálica apenas como consequência do furo do Nome-do-Pai.

Ao contrário, o Nome-do-Pai torna-se um predicado do modo como o sintoma e a função fálica organizam e ordenam o gozo para o sujeito. Segundo Miller, ele deixa de ser o nome próprio de um elemento particular chamado Nome-do-Pai. É o que se apresenta mediante a pergunta: o sujeito tem o Nome-do-Pai ou há forclusão deste? Nos dias de hoje, o Nome-do-Pai não é mais um nome, mas o fato de ser nomeado, de lhe ser atribuída uma função ou, como afirma Lacan, de ser “nomeado para”²⁴. Em suma, o Nome-do-Pai não é mais um nome próprio e torna-se, segundo definição da lógica simbólica, um predicado relativo ao furo da significação fálica:

NP (X) → X = ruptura fálica

A meu ver, essa formulação aproxima o que há de novo sintoma como característico da toxicomania, com o campo das chamadas psicoses ordinárias, no sentido de que a satisfação obtida com a droga, bem como por meio de outras modalidades de um fazer com o corpo – caso, por exemplo, das tatuagens e *piercings* –, pode funcionar como um “substituto substituído”²⁵. Se o Nome-do-Pai é um substituto do desejo da mãe, pois impõe sua ordem ao gozo desta, a droga pode se revelar um “substituto do substituto”. Em outros termos, a droga pode ser um Nome-do-Pai na relação que o sujeito tem com seu corpo. Dizer que essas técnicas de corpo – entre outras, as drogas e as tatuagens – podem ser “substitutos” do Nome do Pai é uma maneira de traduzir o que vem a ser esse significante tomado como predicado. O que se mostra ser método de curto-circuito na sexualidade inerente à satisfação tóxica é muito mais, nos termos de Miller, um “fazer-

24 MILLER, J.-A., Efeito do retorno à psicose ordinária. *A psicose ordinária*. Belo Horizonte: Scriptum, 2012, p. 413.

25 *Ibid.*, p. 411

-crer compensatório”²⁶ [compensatory-make believe] do Nome-do-Pai, no sentido de que torna possível alguma solução para as desordens do gozo na vida de um toxicômano. Desde essa clínica do “fazer-crer compensatório”, valoriza-se a continuidade entre os territórios da neurose e da psicose, enfatiza-se o que os faz contíguos, dois modos de responder a um mesmo real, pois se trata, sob esse ponto de vista, não de estabelecer fronteiras senão de constatar enodamentos, grampeamentos, desconexões, desatamentos entre fios que estão em continuidade.”

Texto integral publicado em *Pharmakon Digital* n. 3., disponível aqui: <https://pharmakondigital.com/droga-ruptura-falica-e-psicose-ordinaria/>

Fabián Naparstek, « Introducción a la clínica de las toxicomanías y del alcoholismo » (extratos)

“Para que o falo seja inscrito não basta que alguém tenha pênis, é preciso ainda que esse órgão responda de certa forma à palavra. Então, a inscrição do falo coincide assim com essa relação entre o órgão e a palavra, que é o que Lacan chamou depois de “fazer de um órgão um instrumento”²⁷. (...) Há um erro comum, diz Lacan, em confundir o real do órgão com sua articulação ao significante como instrumento, que se vê pateticamente no exemplo dos transexuais. Com as funestas consequências que, a nível subjetivo, trazem em muitos casos essas operações.”

“O excesso próprio da toxicomania mostra muito bem esse fora de regulação fálica. Se há uma função que tem o falo é, por excelência, medir as coisas. (...) A meu ver, a overdose deveria ser considerada fora da medida fálica. A possível ruptura com o falo é o que faz passar para a mania pelo tóxico, entendendo a mania, como aquilo que leva o sujeito para fora de uma âncora fálica. Assim, seguindo o que desenvolvemos, pode-se verificar diferentes usos da droga. Há um uso da droga que - considerando o caso relatado - lhe permitiu permanecer casado com seu órgão. Há outro uso que permite a certos sujeitos tomar coragem e enfrentar o Outro sexo e colocar em função o falo. (...) Também vimos como aquilo que pode começar em uma tentativa de se casar com o falo ou em uma tentativa de colocá-lo em funcionamento, finalmente se desamarra, se solta do falo e provoca a mania pelo tóxico.” (Referência a um caso clínico apresentado no livro).

“Não querer saber nada com o sexual, se entendemos o sexual em termos fálicos, não é o encontro apenas com o corpo do Outro sexo, mas pode ser o encontro com o corpo do mesmo sexo, que pode ser a própria masturbação, isso não impede distinguir uma coisa da outra. Essa forma milleriana de colocar as coisas segue a ideia de Lacan sobre a ruptura com o falo. (...) “Pode-se fazer uso da droga para insubordinar-se ao serviço sexual”²⁸, para ficar estancado no gozo do onanismo como solda, para tentar acessar o Outro sexo como uma muleta, em termos de Freud. Eu me refiro à muleta quando o falo tem suas limitações - que por estrutura é sempre assim -, e o sujeito não suporta essas limitações e, portanto, tenta levantá-lo para acessar o Outro sexo.”

26 *Ibíd.* p. 412.

27 Lacan, J. O *Seminário*, livro 19, *...ou pior*, Rio de Janeiro, Zahar, 2012, p. 17.

28 Miller, J.-A., « A droga da palavra », *Accès a la psychanalyse, Addiction*, Bulletin de l'Association de la Cause freudienne en Val de Loire – Bretagne, 2023, p. 15-22. Publicado em português neste número de *Pharmakon Digital*.

“...Se nós temos uma tese de que a toxicomania implica uma ruptura com o falo, (...) e na psicose temos essa ruptura estrutural, de nada nos pode servir a tese da ruptura. Nós partimos da ideia, para o caso da neurose, de que houve uma ruptura que é conjuntural e na psicose, seguindo Lacan, temos a ideia de que essa ruptura é estrutural. (...) Se a isso adicionarmos que cada vez mais, na clínica, recebemos sujeitos toxicômanos que são diagnosticados como psicóticos, aumenta ainda mais a importância de poder situar como pensar a toxicomania em casos de psicose.”

“Um sujeito relata que antes de conhecê-lo (o Viagra) não podia manter relações porque não sentia desejo, embora crescente que queria ser como os outros. Diz que com o Viagra começou a ser como os outros e, em seu julgamento, também começou a regular suas ereções. O órgão não está solto, mas começa a responder às pílulas. Embora de vez em quando, ele ainda tenha “ereções soltas”, agora ele justifica isso como um resíduo de Viagra no corpo. (...) Vê-se também neste caso, que na ausência de uma operação que produz a falta do significante que liga o órgão como um instrumento, o que vai para o lugar do significante é o químico, e é a partir dele que se tenta transformar o órgão em instrumento. (...) No lugar da palavra, na falta dessa palavra, o sujeito usa a pílula. Uma operação no real, para dar uma ligadura ao insuportável da invasão de gozo do órgão. (...) Nesses casos de psicose, é bem evidente que a droga não é apenas uma ruptura com o falo, mas é o que tenta ligar esse pequeno pipi ao corpo.”

*Texto integral publicado em « Introducción a la clínica de las toxicomanías y del alcoholismo ». Livros I, II, III. Buenos Aires, Grama, 2008.

BIBLIOGRAFIA EM DIREÇÃO AO CONGRESSO DA AMP 2026 – A RUPTURA COM O FALO:

- Andreini, N. "Tesis de Lacan acerca de la droga", *Apostillas del TYA Córdoba*, n.1, Ed. CIEC, Soluciones Graficas, 2011, p. 55-63.
- Andreini, N., "Ruptura y relación al otro", *Apostillas del TYA Córdoba*, n.1, Ed. CIEC, Soluciones Graficas, 2011, p. 63-71.
- Aucremanne, J.-L., « Le mariage avec la drogue », *Quarto* n. 42, 1990.
- Aucremanne, J.-L., « Malaise, drogue et rupture », *Quarto* n. 99, juin 2011, p. 102-108.
- Aucremanne J.-L., Jossion, J.-M., Page, N., « Penser la toxicomanie à partir de la psychose », *Mental* n. 12, 2003, p. 65-74.
- Aucremanne, J.-L., Jossion, J.-M., « Rompre avec la drogue », *Préliminaire* n. 12, 2000.
- Chiriaco, S., « De la drogue à la suppléance : un traitement de l'angoisse », *Mental* n. 16, 2005, p. 96-104.
- Freda, F. H., Intervención en *El Otro que no existe y sus comités de ética*, Seminario dictado por J.-A. Miller en colaboración con Éric Laurent, Buenos Aires, Paidós 2005, p. 303-316.
- Generoso, C. M., "A queda do falocentrismo": <http://www.institutopsicanalise-mg>.
- Jossion, J.-M., « La fonction de la drogue », *Accès*, Bulletin de l'ACF-VLB n. 3, 2012, p. 45.
- Jossion, J.-M., « La fonction de la toxicomanie et de l'alcoolisme », *Letterina* n. 55-56, 2010.
- Jossion, J.-M., « Le sinthome de Schreber », *Quarto* n. 123, nov. 2019, p. 154-158.
- **Jossion, J.-M., « Rompre l'effet de l'affect », in *Les Cahiers de l'ASREEP* n. 2. *Les addictions sans substances*. Genève, 2018, p. 53-58.**
- **Jossion, J.-M., « Un possible lien », in *Quarto* 118. *Lire Lacan*. Bruxelles, mars 2018, p. 114-120.**
- Laurent, É., « Comment avaler la pilule ? », *Ornicar ?* n. 50, revue du CF, Navarin éditeur, 2003.
- Laurent, É. « Como engolir a pílula ? », *Clique*, *Revista dos Institutos Brasileiros de Psicanálise do Campo Freudiano*, n. 1, abril 2002, p. 24-35.
- **Laurent, É. Conversation sur Radio Lacan à propos de la conférence titrée « Reflexiones sobre tres cuestiones del feminismo con la no relación sexual ». Audio en español. 04 décembre 2019. <https://radiolacan.com/es/podcast/conferencia-en-el-palais-rouge-de-buenos-aires-reflexiones-sobre-tres-cuestiones-del-feminismo-con-la-no-relacion-sexual/3>**

- **Laurent, É.** « La place des hommes dans la cité des femmes. » Conférence réalisée à l'occasion de la Semaine Lacan « Hommes et femmes selon Lacan », 13-18 mai 2019, ACF-VLB, disponible sur https://www.youtube.com/watch?v=y4oJZ5O4y98&t=371s&ab_channel=EricLaurent
- **Laurent, É.**, « Portrait de Joyce en Saint homme », in *Mental* n. 35. Paris, 2016, p. 62-73.
- **Laurent, É.**, « Trois remarques sur la toxicomanie », in *Quarto* n. 42. Bruxelles, 1990, p. 69-72.
- **Laurent, É.**, « Un modelo digno para las instituciones que queremos » en *Del hacer al decir. La clínica de la toxicomanía y el alcoholismo. II Jornada del Instituto del Campo freudiano*. Silitti, D. Sinatra, E. y Tarrab, M. (compiladores) Buenos Aires, Plural Editores, 1996, p. 61-80.
- Miller, J.-A., « Lire un symptôme », *Mental* n. 26, 2017, p. 49-58.
- Naparstek, F., « De la formation de rupture au partenaire symptôme », *Quarto* n. 79, juin 2003, p. 50-51.
- Naparstek, F., « Introduction à la clinique des toxicomanies et de l'alcoolisme ». Livres I, II, III. Buenos Aires, Grama, 2008.
- Pacheco, L. V., Reseña del libro de J. Santiago: "La ruptura con el goce fálico y sus incidencias en el uso contemporáneo de las drogas", en *Pharmakon Digital* n. 2, <http://pharmakondigital.com/volumen-no02/?lang=es>
- Page, N., « Les fonctions subjectives de la drogue : comment en prendre soin ? », *La lettre mensuelle* n. 298, Revue des ACF-ECF, 2011, p. 40-42.
- Quaglia, G. "Conexão (A)ssexuada", *Carta São Paulo, Revista da Escola Brasileira de Psicanálise- São Paulo, Amor Sexo (Des)conexões*, ano 26, n. 1, São Paulo, março 2019, p. 95-99.
- Quaglia, G. "Órfãos do capitalismo", *apalavra*. Escola Brasileira de Psicanálise, Delegação Geral Goiás-Distrito Federal, *O Declínio do Pai e Seus Efeitos*, v.1, n.1, Goiânia, 2018, p.38-50.
- Salamone, L. D. "El lazo cuando la droga es el partenaire". *Apostillas del TYA Córdoba*, CIEC, 2011, n.1, p. 5-23.
- Salamone, L. D., "¿Todos consumidores?" *Lo inclasificable de las toxicomanías. Respuestas del psicoanálisis*, Departamento de Estudios sobre Toxicomanías y Alcoholismo (CICBA) Buenos Aires, Ed. Grama, 2008, p. 29-37.
- Salamone, L. D. *Dificultades en el tratamiento de las toxicomanías y el alcoholismo. Cuando la droga falla*, Caracas, Ed. Pomaire, 2011, p. 71-93.
- Santiago, J. "A toxicomania não é uma perversão", *Falo*, Salvador, n.4/5, jan./dez. 1989, p. 68-72.
- **Santiago, J.** « Drogue, rupture phallique et psychose ordinaire ». *Pharmakon Digital* n. 3. <https://pharmakondigital.com/droga-ruptura-falica-e-psychose-ordinaria/>
- **Santiago, J.** « La drogue de W. Burroughs : un court-circuit dans la fonction sexuelle ». *Quarto* 79. Bruxelles, juin 2003, p. 52-54.

- Santiago, J. "O celibatário, o toxicômano e a segregação", *Curinga, Os enigmas do masculino*, v. 9, Belo Horizonte, abril 1997, p. 45-49.
- Sidon, P., « La substance d'une addiction », « Les addictions sans substances ». Conversation du TyA. *Les Cahiers de l'ASREEP-NLS* n. 2, 2016.
- Sillitti, D., Sinatra, E., Tarrab, M, *Más allá de las drogas. Estudios psicoanalíticos*, Plural, 2000.
- Sillitti, D. "Clínica del superyó y las toxicomanías", *Pharmakon*, n. 6-7. Buenos Aires, Ed. Plural, Junio de 1998, p. 11-15.
- Sinatra, E., *Adixiones*, Buenos Aires, Grama, 2020.
- Sinatra, E., "Dos hipótesis sobre las toxicomanías", *Mediodicho*, n. 30. Ed. EOL-Córdoba, 2006, p. 147-157.
- Skaf, C., "Para una clínica de la elisión del falo", <http://pharmakondigital.com/volumen-no03/?lang=es>
- Taillandier, E., « L'Addiction, un lien qui sépare », « Les addictions sans substances ». Conversation du TyA. *Les Cahiers de l'ASREEP-NLS*, n. 2, 2016.
- Verger, T. *El límite del órgano y su más allá. Las toxicomanías y la cuestión trans*. Buenos Aires, Tres Haches, 2024.
- Zaffore, C., "Droga y elección sexual", *Introducción a la clínica con toxicomanías y alcoholismo II*, Buenos Aires, Ed. Grama, 2009, p. 103-109.